POESIAS

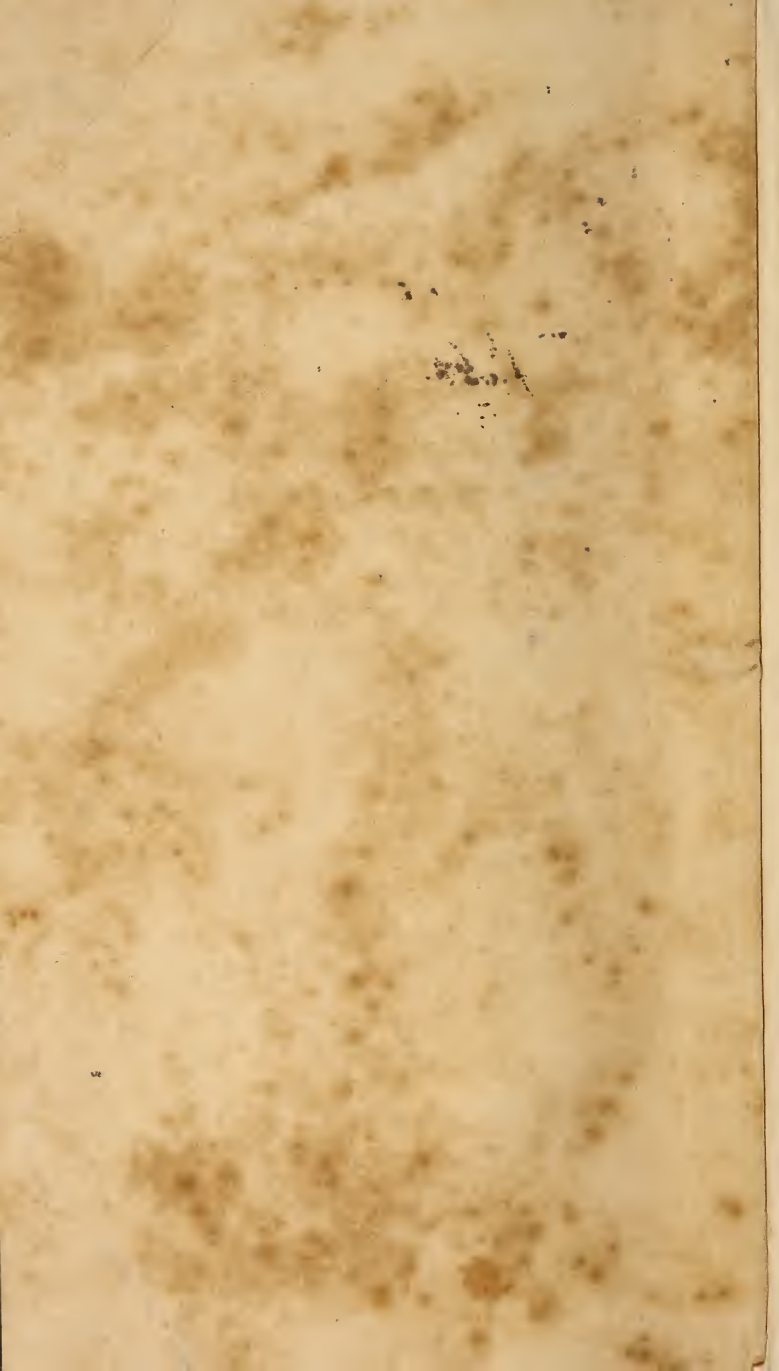
DE

D. J. G. DE MAGALHENS.

Rio de Janeiro,

1832.

NA TYPOGRAPAIA DE R. OGIER,

RUA DA CADEIA, N°. 142.

POESIAS

DE

D. J. G. DE MAGALHAENS.

POESIAS

DE

D. J. G.

DE MAGALHAENS.

Denique securus famæ, lib er, ire memento;
Nec tibi sit lecto displicuisse pudor.
Non ita se nobis præbet Fortuna secundam,
Ut tibi sit ratio laudis habenda tuæ.

Ovi. (Eleg. I.)

Rio de Janeiro.

1832.

NA TYPOGRAPHIA DE R. OGIER,

RUA DA CADEIA, N°. 142.

AO LEITOR.

A Poesia, *esta arte sublime e encantadora, que desde o seu berço foi consagrada ao culto da Divindade, aos mysterios da Religião, ás verdades da Philosophia, ás regras da Moral e da Politica, e ás maravilhas do Mundo physico; a Poesia, que entre os Povos mesmo barbaros é um titulo d'honra para aquelles, que a cultivão, e que salvou do esquecimento os nomes de tantos Heróes famosos, que pela Patria affrontárão os perigos e a morte; a Poesia, considerada pelos Egypcios e pelos Gregos como uma inspiração divina, tem entre nós, e n'este seculo, que de luzes se chama, perdido todo o seu esplendor e magestade. A arte, que endeosou Homero, e lhe ergueo altares*

é condemnada ao desprezo, e reputada como inutil aos homens e á perfeição dos costumes; e os Poetas são classificados entre os occiosos e maniacos. Nem posso eu ser accusado dè exaggeração, quando é manifesto o esquecimento em que estão sepultadas as obras dos nossos melhores Poetas. E o que é mais; quase ninguem falla em um Bazilio da Gama, em um Fr. Sancta Rita Durão, em um Padre Caldas, nos dois Alvarengas, e n'um Claudio Manoel da Costa. * *Talvez seja isto devido ao Genio destruidor do Governo despotico, que sobre nós imperou, mais empenhado em extrahir o ouro e a prata das nossas minas, do que em animar os talentos e espalhar a illustração. E quem sabe mesmo se este germen de ingratidão e desprezo para tudo o que é nobre e elevado, para tudo o que sente, e respira a Liberdade é um legado de morte, que nos deixou essa Nação de que fizemos parte? Pois sabemos qual foi a sorte de Camoens, de Garção, de Filinto Elysio, de Santos e Silva, e de Bocage; sem fallar de outros muitos, que prestárão assignalados serviços pelas armas e pelas lettras. Os louros de*

---

* *Louvores sejão dados ao illustre Redactor do* Parnaso Brasileiro, *o Sr. Conego Januario da Cunha Barboza, pelo importante serviço, que fez á nossa Litteratura, publicando as poesias selectas dos nossos melhores Poetas, que já no esquecimento existião sepultados.*

um Poeta não teem brilho aos olhos de um povo de escravos, para quem só vale o ouro: mas a Posteridade aponta com orgulho para os monumentos indestructiveis, que Homero e Pindaro erguerão á Grecia, Virgilio á Roma, Tasso á Italia, Camoens á Portugal, Milton á Inglaterra, e Voltaire á França; e estes homens erão Poetas!.. Até mesmo os Philosophos de todas as idades pagárão seu tributo á Poesia: Platão fazia versos; Aristoteles não julgou inutil consagrar algum tempo á composição de uma Arte Poetica, *Descartes cultivava com transporte a Poesia, e este gosto o accompanhou até a morte; Leibnitz, Pascal, Cabanis e outros celebres philosophos ainda nesta parte imitárão a Platão. Estes nomes bastão para confundir os inimigos da Poesia.*

Accresce mais que a Poesia, louvando as acçoens dos Grandes Homens, dos Patriotas, e dos Benemeritos, tem por fim inspirar o amor á virtude, e horror ao vicio. Assim a Poesia é uma parte da Philosophia moral, ou para melhor diser, a Poesia e a Philosophia é uma mesma cousa, considerada por dois pontos de vista differentes. Portanto a leitura dos Poetas é sempre util, e muito concorre para a moral e illustração dos Povos.

E nesta época de perturbaçoens e de intrigas, em que os animos vacillantes e convulsos ólhão a politica como a unica ancora da salvação e da prosperidade da

Patria, com total menospreço das Sciencias e das Boas Artes, cumpre a todo aquelle, em cujo coração arde a chama do amor da Patria, alçar a voz em seus escriptos para combater e rechassar o crime, satyrisar o vicio, instruir e ennobrecer a humanidade, animar a virtude opprimida, e adoçar as magoas do coração com a suavidade e harmonia de seus cantos.

Tantos motivos reunidos animárão-me a offerecer ao Publico Poesias, *que, apesar de não ter o cunho de classicas, talvez possão desempenhar o fim a que me propuz, imprimindo-as; e é, despertar nos meus Patricios uma nobre emulação e uma justa ambição de gloria, que os obrigue a escrever, e dar á luz obras superiores em merito, que, eternizando seus nomes, assegurem á nossa cara Patria uma illustração, que nada tenha que invejar a alguma nação culta. Se os meus vosto forem cheios, será com elles saciada minha ambição.*

POESIAS.

EPISTOLA.

Muito custa, ó Notanio, ser poeta,
Que mereça attenção do deos Apollo;
E mais custa fazer versos, que agradem
Aos differentes genios dos leitores.
Se aqnelle em cujas veias gira o fogo,
Que, transportando ao Pindo, a mente abrasa,
Nada mais que aprazêr bnscasse a todos
Nem um versinho só sequer fizera,
Quando mesmo no cérebro lhe ardesse
A chama do divino enthusiasmo.

Nos homens as paixoens tanto differem,
Quanto differem seus temperamentos;
E tantos estes são, quantos aquelles.
Como é possivel pois que um Vate egregio,

Que adorna os versos seus com novos termos,
Grandes imagens, escolhidas phrases.
Bebidas nos bons classicos da lingua,
Como é possivel pois que agradar posso
A um critico lymphatico, que tudo
Quanto lhe abala o corpo em apathia
* Reprova por confuso, ou excessivo?
Ou por uma mulher, que, sem ter lido
Camoens, Garção, Diniz, critica ousada
D'aquelles, que os imitão corajosos?
Tal como o corypheo da Poesia,
O grão Filinto, Horacio Luzitano,
Que por uma mulher foi criticado, **
E por Zoilos, que apenas tinhão visto
Portuguez em Bertoldo e Carlos Magno.
Se o saber criticar mostra talento,
Quanto não mostrará quem bem escreve?
Este sim é que imita a Natureza,

---

* É difficil decidir quem tem razão, se o Critico, ou se o Auctor criticado. Pope diz:

In Poets as true Genius is but rore,
True Taste as seldom is the Crist'es share:

** Lea-se a *Satyra* feita por uma mulher a Filinto Elysio, a qual vem no 5°. volume das suas obras.

Criando nos saloens da phantasia
Outro Sol, outro Mundo, outro Universo.
Se o poeta é sanguinio amor respira,
E cheios os seus versos de ternura,
Não podem aprazêr ao bilioso
De asceticas e tragicas leituras,
Que as delicias de amor tem em desprezo.
Succede o mesmo a outro qualquer Vate.
No famoso Camoens exemplo temos:
Uns amão mais de Ignez o triste caso;
Outros de Adamastador membrudo e forte;
E da Ilha nutante dos Amores
Inda outros gostarão mais, do que tudo.
Impossivel é pois a um Poeta
A um genio agradar a o seu opposto;
E nem por isso esmorecer devemos
Na difficil empresa, mas honrosa.

E' qual destro Pintor um bom Poeta.
Não basta imaginar duas figuras,
E pô-las n'um papel, como que luctão.
Cumpre dar attitudes necessarias,
Dar ao rosto expressão, aos pés firmeza,
Ver donde parte a luz para assombra-las;
Sem o que a pintura é pouco, ou nada,
Tenha embora o Pintor sabedoria.
Assim tambem não basta a um Poeta

Compor uma ficção, e pô-la em verso;
Deve bem escolher phrases, que expliquem
A sua idéia, e que na força a igualem.
Se for terna a ficção convem ternura
Aos nossos versos dar; se for terrivel
D'energica expressão uzar devemos.
A lingua Portuguesa é rica, é vasta,
Abunda em termos, que escolher podemos
Para o nosso mister, sem que se exgote;
Nem nos assuste a critica dos Zoilos.
Tratemos de imitar os nossos mestres, *
E quem quizer ralhar, que ralhe embora. **

---

* Nossos mestres; isto é, aquelles, que mais se avantajárão na Poesia, e que nos podem instruir com seu exemplo; bem como Ferreira, Camoens, Garção, Diniz, e Filinto Elysio.

** A critica judiciosa é conveniente e util, e deve ser attendida por todo aquelle, que pertender escrever com puresa e elegancia; ao contrario deve-se despresar as censuras dos ineptos, que fallão sem conhecimento das cousas, e só por odio, que teem aos Auctores. Lembro-me aqui do que diz Pope, no seu *Ensaio sobre a Critica.*

« *Some judge of authors names, not works, and then*
« *Nor praise nor blame the writings, but the men.*

Infelizmente são destes criticos, que aparecem entre nós com abundancia.

PRIMEIRA

ODE PINDARICA

AO GLORIOSO DIA

SETE DE ABRIL.

ESTROPHE I^ra.

Ja no peito conter não posso a enchente
Da chamejante insolita harmonia.
O' que sancto furor me abala a mente!...
Não é em tosco metro
Que eu canto neste Dia;
Pois Delio me dotou com aureo plectro
A Lyra sonorosa,
Por quem Thebas tornou-se tão famosa.

ANTISTROPHE I^ra.,

Se a minha Augusta Patria hoje me inspira
Affouta a minha dextra as cordas vibra
Da do Ismeno Cantor eburnea Lyra.
Prompta nos subtis ares

A Fama se equilibra,
Para levar, cruzando terras, mares,
A nova ao Mundo inteiro
Do quanto póde um peito Brasileiro.

EPODO 1°.

Um fogo devorante
Já se propaga em mim, já me devora
A mente desvairada.
O calor do prazer me assoma, e córa
O pallido semblante:
Fuja de ouvir-me a Inveja descarnada.

ESTROPHE 2ª.

Do sepulchro do Sol a plaga erguida,
Que o prestante Cabral á Lisia dera,
Longo tempo jazeo á Lisia unida;
Do captiveiro os laços,
Qu'ambição lhe pozera,
O Brasil á seus pés via em pedaços;
E offerta generoso
A um falso Defensor um Throno honroso.

ANTISTROPHE 2ª.

Que valia aurea C'roa haver tomado
Em troco do Cocár Americano?
Que valia as prisões ter já quebrado
Da cega obediencia,
Se o genio Lusitano
Inda sobr'elle tinha alt'ascendencia?...
Era força que ao Mundo
Se mostrasse o Brasil nobre e jucundo.

EPODO 2º.

No livro do Destino
Pela dextra immortal se achava escripto
Qu'inda um tempo viria,
Em que soltando Nitheroy um grito
Do molle somno indino
Os bravos filhos seus despertaria.

ESTROPHE 3ª.

Raiou em fim o dia desejado,
De Abril o sete, limpo, e glorioso,

Em que estalar devia o cadeado,
Que os hombros opprimia
Do Brasil grandioso.....
Soar já ouço vivas de alegria....
— *Ou Liberdade, ou Morte*, —
La brada Nitheroy altivo e forte.

ANTISTROPHE 3ª.

Já ergue o Paraná a frente altiva
Do leito aquoso, e a voz soltando ao vento,
Alegre entôa: — a Liberdade viva. —
La ouve o Amazona;
E, recobrando alento,
Repete o mesmo, e de prazer se entona.
Vivas inda á milhares
De Yyapok ao Guaporé trôão nos ares.

EPODO 3º.

Já tremular eu vejo
O Auri-verde pendão da Liberdade,
Por nossas mãos plantado
Em breve em Nitheroy avultar hade:
Eis sómente o desejo
De todo o Povo Brasileiro honrado.

ESTROPHE 4ª.

Do Campo d'Honra a Fama veloz vôa
A's mais longinquas regiões da terra,
E, tangendo o clarim, forte apregôa
Que o Fluminense Povo,
Sem o horror da guerra,
Dera do seu valor exemplo novo,
E ao Throno seu subira
O infante, que o Janeiro nascer vira.

ANTISTROPHE 4ª.

E pôde o meu Paiz outr'ora escravo
Os passos imitar da Galia forte,
E ensinar a vencer um Povo bravo!
Sim pôde; e o que mais resta,
Brasil, á tua sorte?
No Mundo a Fama te apregôa, e exalta,
E o Mundo já te aponta,
E os teus prodigios por não vistos conta.

EPODO 4º.

O' minha Patria cara!
Quanto o meu coração por ti se inflamma!

O' que lugar brilhante,
Entre as livres Nações um Deos, que te ama,
No Mundo te prepara!
Patria! Brasil! ah! corre a elle ovante.

SEGUNDA

ODE PINDARICA

AO GLORIOSO DIA

SETE DE ABRIL.

ESTROPHE I^{ra}.

Altos feitos cantar, que a Patria esmaltão,
Não é dado a mortal mesquinho Vate,
Que nas aras do vicio
O torpe incenso queima
Da baixa adulação, que o Sabio odeia.
Mas eu, que tenho aberto immensas vezes
Largo sulço nos campos da Memoria,
Posso, empunhando a Cithara divina,
A Patria minha encher de eterna gloria.

ANTISTROPHE I^{ra}.

Embora, o' furibunda, negra Inveja,
O riso mofador nos labios mostres,
Em quanto internamente
Te róes, e te consomes,

Vendo-me affouto remontar ao Olympo.
Eu já vou desferir com plectro Argivo
Dulio canto, que o tempo abate e doma;
Assim te mostrarei que a Patria minha
Póde bem emular a Grecia e Roma.

EPODO I°.

Morno silencio prende
As linguas dos Mortaes, que attentos me ouvem;
Os Zephyros suspensos
Não ousão adejar as leves azas;
Ja tudo com meu canto se extasia:
Tanto dos versos meus póde a magia!

ESTROPHE 2ª.

O' Janeiro, que infante já me viste
Brincar no berço co' o sagrado louro,
Que as Musas me trazião
Das margens do Hypocrene;
Só para te adornar a augusta frente
Eu me empenho em tecer-te esta grinalda,
Não de flores mortaes partos da terra,
Mas de esmeraldas, de rubins, e d'ouro
E outras riquezas, que o teu seio encerra.

ANTISTROPHE 2ª.

Já na escura caverna de Vulcano
Sobre as duras incudes retinião
Os sonóros martellos,
Com que os Brontes malhavão
As inflammadas laminas de ferro,
Para grilhões e alfanges destinadas;
O fumo, que das forjas se elevava,
De miasmas e lucto o ar enchião,
E os miseros viventes suffocava.

EPODO 2º.

No em tanto o Despotismo,
Hydra feroz, que tudo abate e esmaga,
Sobre o Brasilio Throno
Alçava altiva e coroada a fronte.
O prazer ressumbrava-lhe no rosto,
Vendo cumprir-se tão horrivel gosto.

ESTROPHE 3ª.

Fugitiva a virtude, e perseguida
Não ousava arrancar um só gemido;

Nem mostrar-se qual éra
A quem só desejava
Conhece-la, p'ra decreta-la á morte.
A filha do Immortal, a pulchra Dea,
Que aos Vates e aos Philosophos inspira,
Tinha deixado as plagas, onde o vicio
Tributos recebia até da Lyra.

ANTISTROPHE 3ª.

Gemia o Nitheroy nos vitreos Paços
Por ver seus filhos já degenerados
A inerte somno entregues,
Em quanto a horrivel Féra
Para seus pulsos ferros preparava.
Novo calor corria-lhe nos óssos;
Merencorio se ergueo acima d'agua:
« Fluminenses, (bradou) eia! »... calou-se;
Tanto pôde em seu peito a dor, e a magua!

EPODO 3º.

Mas almas generosas
Largas exortações não necessitão;
Um só aceno basta.
Que rapida mudança! Eis já por terra

O terrivel Dragão do Despotismo,
Qu'ia o Brasil fechar n'um negro abismo.

ESTROPHE 4ª.

Tão veloz não correo á Marathona
A Gente de Milciades famoso
Contra o ousado Persa,
Que no brilho das armas,
E em seus féros cavallos confiava;
Nem tão completa foi sua victoria
Como a que neste Campo tú colheste,
Sem de sangue manchar-te, o' Fluminense,
Quando da Liberdade o Templo ergueste.

ANTISTROPHE 4ª.

Assim nobre Leão, se alguem o insulta
O antro deixa, e sacudindo a juba,
As garras afiando,
Raivoso investe, e prostra
Tudo quanto arrojado se lhe antolha:
Assim Neptuno em colera irritado
Pelos ventos, derruba antigas pontes,
Baixeis submerge, Diques arrebata,
Ilhas innunda, e se anivela aos montes.

EPODO 4°.

O' Patria minha amada!
Os Parabens te dou de acções tão grandes.
Nunca do olvido as ondas
Cobrirão a lembrança deste dia.
O' Reis da terra, o' Povos do Universo,
Esta lição vos dá meu Patrio Berço!

ESTROPHE 5ª.

De Cirrha ainda hum vento favoravel
De meu Baixel soberbo enfuna as velas;
Por largos mares inda
Podia sustentar-me,
Sem temor de roçar na areia a quilha.
Mais pois que eu tenho erguido um monumento,
Capaz de assoberbar a Eternidade,
Descançar devo agora á sombra amena
Do Padrão, que erigí á Liberdade.

ANTISTROPHE 5ª.

Brasileiros! Ouvi o mágo accento
Do Genio, que os Imperios funda, e prostra:

« O'Filhos meus dilectos,
« Escutai-me, e temei-me:
« Ah! não vos despenheis da Gloria ao nada!...
« Vede quanto as desordens enfraquecem,
« Quanto cobrem de opprobrio a especie humana.
« Mostrai ao Velho Mundo, que sois homens
« Nascidos nesta terra Americana.

EPODO 5°.

« Eia, de vós se apartem
« Os odios, as discordias, e as vinganças;
« Não mais paixões mesquinhas
« Vossos peitos briosos dilacerem;
« *União*, *União*, vos cumpre agora;
« Só *União* da queda a Patria escóra.

Soneto.

O' Manes do immortal Henriques Dias !
Manes terrivel á Batavia Gente ,
Cujos golpes fataes ainda sente
Da cortadora espada , que brandias :

Manes de Camarão ! Ah tu , que vias
Entregue Olinda ao Bátavo insolente ,
E então sacando a lamina fulgente
Por entre o inimigo estrada abrias :

Manes, manes de Heroes da Patria minha
Deixai hoje do Elysio o assento honroso ,
Baixai ao seio do Janeiro asinha.

Vinde abraçar um Povo glorioso,
Que, sem tirar a espada da bainha ,
A Patria restaurou , e encheo de gôso.

ODE

AO

GLORIOSO DIA SETE DE ABRIL.

Eu quando empunho a Lyra d'esmeralda
Encordoada d'ouro,
Que a Patria minha me outorgou benigna
No dia seu egregio,
Paixões não canto dos Cythéreos Numes.
O Patarêo m'inspira
Hymnos credores de eternal Memoria.
Nas inflammadas veias
Gira-me o sangue em borbotões ferventes;
Meu coração palpita;
Electrico tremor me cála os ossos;
Minh'alma se dilata
Pelo immenso salão da Eternidade,
E a meus olhos se mostrão
As portas do Futuro escancaradas.
Nas regiões celestes
Leio as verdades, que aos mortaes publico.

O' Patria! o' Patria minha!
Raiou de novo o dia venerando
Da tua Liberdade.
Hoje á pó reduzirão-se as cadeias
Fabricadas no Inferno;
E o terrivel dragão do Despotismo,
Dando o ultimo arranco,
Baqueou, p'ra não mais do abismo erguer-se.
Para gloria da Patria
Não ha Brutos, nem Cassios assassinos
Do Rei, do Pai dos povos,
Do vencedor dos Parthos, e dos Syrios;
Mas ha Varões egregios,
Que valem muito mais, que os Brutos todos,
De quem um sobre-senho
Basta, para aterrar o despotismo.
O' Patria! o' Patria, exulta!
Qual famosa Rainha do Oriente
Se mostra ao Regio Esposo
No dia nupcial, cheia d'encantos,
A purpura arrastando,
Coberta d'ouro e pedras preciosas,
Que fôra sete vezes
Nos aromas d'Arabia perfumada:
Assim te mostra, ó Patria,
Neste dia a teus filhos rica, e bella. . . .
Mas que fria tristeza

Da Patria o rosto lindo empallidece?
Porque tão de repente
A febre se aplacou do enthusiasmo?
Por qu' um gêlo de morte
Côa em meus óssos, e m'enrija os nervos?
Eis o lume se eclipsa
Do Sol, que a minha mente abrilhantava;
Eis do Futuro as portas
Ante meus olhos com stridor se fechão.
La se abre a foz do Inferno
Ao som de mil trovões, que no ar ribombão;
La s'ergue espêssa nuvem,
De vapores pestiferos pejada. . . . . .
O' que monstro terrivel,
Escoltado das furias lá diviso! . . . .
Que olhos de fogo vibra! . .
Seus dentes são punhaes envenenados;
Seu alito hediondo
Ceos e terra empeçonha, estraga, enlucta. . .
Ah! quem o não conhece!
A Discordia eis-ali, monstro terrivel!
Quem não lhe vê na dextra
O punhal, e o archote 'na sinist a,
Cujo clarão sulphureo
Mil Imperios cegou das priscas eras,
E em vortices continuos
Fez seus muros cair e seus governos!

Dizei, sacras reliquias
De Corintho, de Athenas, e Carthago,
E tu, errante sombra
Da Senhora do Mundo, dizei todos
Se minha Musa mente.
Enfreia, hydra feroz, serpe-crinita,
Enfreia a tua audacia;
Não vencerás, os Brasileiros jurão.
O'Sol de minha Patria!
O' Rochedos! ó Aguas sonorosas
Do famoso Amazonas,
Que a mente abrilhantais dos vossos Filhos!
Uni em laço estreito
A vontade geral dos Brasileiros;
Despertai em sua alma
A magestosa idéia do Futuro.
O' Netos dos Vieiras!
Netos de Henriques, Camarões, Negreiros!
Esquecei vossos odios;
A Patria é uma só. Ah! viva a Patria,
E a Liberdade viva.

ODE

AO

DIA 25 DE MARÇO DE 1831.

ANNIVERSARIO DO JURAMENTO DA CONSTITUIÇAÕ DO IMPERIO.

De mim que pertendeis, de Jove o'Filha!
Acaso que hoje affouto
Os labios meus desprenda em doces hymnos?
Eu, vosso Alumno e Joven,
Eu, que a Patria idolatro mais, que a vida,
Como me negarei a tal convite?

De Phebo inspirações nem mais pertendo.
Brasil! O' Petria minha!
Vós me vistes nascer, sou vosso filho.
De Brasileiro o nome
Basta para me encher d'um nobre orgulho,
E transportar-me alèm da esphera humana.

O' que me cála o peito etherio fogo!
Sacro estremecimento
Em mim de fibra em fibra se propaga!
Na minha accesa mente
Lustrosos quadros d'um porvir brilhante
Barbûlhão, revolvendo os seios d'alma.

Como rizonho no horizonte assoma,
Entre rosadas nuvens,
Este para o Brasil tão caro dia,
De gloria mensageiro!
Como das agoas, e no Oriente os olhos
O Janeiro, p'ra vê-lo, alça a cabeça.

Vinte e cinco de Março, eu te saûdo;
O' suspirado Dia!
Com indeleveis caractéres d'ouro
Nos Brasileiros peitos
Gravado vivirás, em quanto os livres
Ares Americanos alentar-nos.

Dos Vates e philosophos a Deosa,
A casta Liberdade,
Que no seio d'um Deos morada tinha,
Batendo as brancas azas,
Hoje baixou ás Brasileiras plagas,
Santa Constituição trazendo ao lado.

Erga sobre a cerviz embora a fronte
Do despotismo a besta,
Olhos de fogo vibre, e enrosque a cauda :
Meus accentos ouvindo,
Recúe, e brame, e, sacudindo a pata,
Na terra imprima da vingança a jura.

Sancta Constituição! eu não desmaio :
Mimo dos Ceos benignos,
Meo escudo tu és, tu meu Palladio;
Por ti darei a vida :
Assim a Nação toda o quer, e manda;
Assim ella jurou, assim o eu juro.

Que me importa morrer! a vida é nada;
A Liberdade é tudo.
Roma se teve Heroes, foi por ser livre;
Catão morreo com ella.
Hoje, o' Roma, o qu'és tu? És nada. Ah! teme
Igual sorte, o' Brasil, sem Liberdade.

Soneto

IMPROVISADO EM UNS OUTEIROS.

❦

Entre raios, trovoens lá sái do Averno
O Despotismo, e o dente ao Mundo aferra;
A Discordia d'aqui, d'ali a guerra
Jurão contra os mortaes um odio eterno.

O' que scenas d'horror! scenas do Inferno
Reprodusidas vêem-se em toda terra;
Córa de raiva um Deos, mas não se aterra,
Pois sobre o monstro tem poder superno.

Quem mandará, que arranque a lança e a malha
Com que a furia do Cócyto se adorna,
E a triste humanidade acuda, e valha?

Liberdade! lá vém;... de luzes se orna,
Calcina a féra, o pó ao vento espalha,
E as lagrimas do Céo no Mundo entorna.

ODE

A' LIBERDADE.

FEITA ANTES DA REVOLUÇÃO DE SETE DE ABRIL.

I.

Eu não sei, profanando o dom sagrado,
O enthronado vicio encher de flôres,
Nem sei vender louvores
Ao tumido mandão, de incenso avaro;
Jámais, quando em minha alma Phebo ardia,
Altares levantei á Tyrannia.

II.

D'altas comprehençoens cheia de orgulho
Foi sempre minha Musa circumspecta;
E se hoje passa a méta,
Em que cogitabunda se continha,
E' para, sem faltar á sã verdade,
Mil encomios tecer á Liberdade.

III.

Fuja de ouvir meus hymnos sonorosos
Quem de vassallo o nome ainda préza ;
Que a minha mente accesa
A' eterna confusão de rojo o leva,
Se a verdade escutar, que o Vate hardido
Publica sem temor de ser ouvido.

IV.

O' que quadro pomposo ante mim se ergue,
Rompendo do passado a sombra densa!
Desfeita a mole immensa
Pela voz de trovão, que no ar se libra,
Eu vejo a terra de prodigios cheia,
E preso, e circumscripto o mar na areia.

V.

De graças naturaes vestido o homem,
Fiel copia de Deos, alem diviso;
O doce, o meigo riso,
Ressumbrando, lhe pende * os rubros labios;
Assomos divinaes ornão-lhe o rosto,
Não manchado por tetrico desgosto.

---

* Muitos são os exemplos de verbos neutros com significação activa, que nos Classicos nossos encontramos; e o verbo *pender* é um delles.

VI.

Aos lados vêem a Páz e a Innocencia.
D'outro homem, sem temor, o aspecto encara;
E ao Sol, que o Mundo aclara
Por imagem de Deos humilde adora.
Outra lei sobre os ombros seus não pesa
Mais do que a sancta lei da Natureza.

VII.

De um Despota feroz a voz não se ouve,
Que quebre destes homens a innocencia;
Só a benevolencia
Com leves, fraternaes laços os une.
Tudo é paz e prazer, tudo abundancia,
Morar parece um Deos na terrea estancia.

VIII.

Eis sumio-se o painel! Eis se me antolha
O Mundo em qu'eu nasci!.. O' Deos! eu sonho!
Que horrendo e que medonho
Agora mais, que nunca, me parece!
Só ferro, escravidão, escuridade
Cobre o sancto paiz da Liberdade.

IX.

Qual depois d'um relampago ligeiro,
Que os ares rasga, as trevas afugenta,
A escuridão se augmenta
Do viagente aos olhos deslumbrados,
Tal avulta ante mim medonho e feio
O Mundo em que nasci, d'horrores cheio.

X.

O' seculo feliz de paz e d'ouro,
Como de nós tão cedo te ausentaste!
Ai que tu nos deixaste
N'um Cocyto dos mais nefandos crimes.
O' sorte sem igual, ditoso fado,
D'aquelle a quem viver em ti foi dado.

XI.

Livre o homem saío das mãos do Eterno
E livre conservou-se largos annos.
Mos quaes impios tyrannos
Primeiros, tal estado perturbárão?
Porque, o' Deos, porque fatalidade
O homem perdeo a cara Liberdade?

XII.

O' que dor me retalha os seios d'alma,
E dos olhos me arranca amargo pranto!
Envolto em negro manto
Da terra se ergue um horrido phantasma;
Baixa a fronte, e os braços encruzados,
E o pescoço e os pés agrilhoados.

XIII.

O' Ceos! da escravidão é esta a imagem,
Quem de raiva e d'horror cheio não treme?
Quem não suspira, e geme,
Vendo o negro painel da sorte nossa?
E consentes, ó Deos, que vis tyrannos
Assim zombem dos miseros humanos?

XIV.

Que ferros e grilhoens ensanguentados
Espalhados estão por toda parte!
Como o terrivel Marte
Mata, e devora exercitos inteiros!
E' qual montanha quando se derroca,
Que abafa, e esmaga tudo quanto toca.

XV.

E como assoberbando o Ceo e a terra,
Sobre aureo throno um despota assentado
Dicta leis a seu grado,
Leis filhas das paixoens, filhas do crime!
Como em despeito da virtude oppressa
Ergue c'roada a impavida cabeça!

XVI.

É Nero, esse flagello dos Romanos...
Dos Romanos! Senhores do Universo!
E como esse perverso,
Esse cobarde, timido, e sacrilego,
Cobrio co'o vêo do opprobrio o Capitolio,
E de Cezar manchou o augusto solio?

XVII.

Nero... mas já não vive!.. e a sorte sua
E' a sorte de todos os tyrannos.
Da natura os arcanos,
Que os Vates lisongeiros não penetrão,
Eu leio; e pois que as Musas me educárão
A predizer futuros me ensinárão.

De novo a voz de um Deos, no ar troando,
Dará consolo á afflicta humanidade;
De novo a Liberdade
Calcará a seus pés o Despotismo:
Livre o Mundo será; ouvi, humanos,
Hade acabar-se a raça dos tyrannos.

Soneto

Emmudece a Razão, quando Amor falla.
NOVA CASTRO por J. B. Gomes.

GLOSA.

De Troia eu vejo os muros abatidos
Pelo poder dos Gregos bellicosos,
E sobre o campo restos lastimosos
Por toda parte jazem espargidos.

D'aqui humanos corpos carcomidos
Em montes se divisão espantosos;
D'ali forma mil charcos espumosos
O já coalhado sangue dos feridos,

Ah! tudo em fim promove a dor e o pranto,
Por ver que Amor cruel o mundo abala,
Té scenas produzir de horror e espanto.

E este quadro fatal, que a nada iguala,
Com grande pezar meu, bem mostra o quanto
Emmudece a Razão, quando Amor falla.

ODE

A' FELICIDADE DA VIDA CAMPESTRE.

Plaisirs champêtres et tranquilles
Seuls vous êtes les vrais plaisirs.
(Gresset.)

I.

O' feliz o mortal, que isento vive
Das chimeras da Corte;
E que não corre após o vão phantasma
De titulos fastosos,
Porque se abala uma alma humilde e fraca.

II.

Em quanto incensa ao Rei com vis lisonjas
O cortezão venavel,
Ferido da verdade a um Deos adora
O mortal virtuoso,
Que a natura escrútou com peito firme.

III.

Lá quando assoma no horizonte o dia
Por entre roxas nuvens,
Do leito seu tambem se eleva, e parte
A cultivar os campos,
Pelo orvalho da noite humedecidos.

IV.

D'aqui o terno sabiá canoro
Com seus doces gorgeios
Os rudes seus trabalhos suavisa:
D'ali a triste rôla
Tristes cançoens lhe faz soltar do peito.

V.

Quando em torno da ecliptica girando
O Sol ao Zenith chega,
E as flores cresta com seus quentes raios,
D'uma mangueira á sombra
Banhado de suor descanso encontra.

VI.

Na grossa manga de algodão enxuga
A crystallina lympha,
Que em bagas regalhe o inflammado rosto;
No frio chão se deita,
E a fronte pousa sobre a mão erguida.

VII.

Que vasta scena então se abre a seus olhos,
Não de riqueza avaros!
Quanto a Natura prodiga se mostra
A's humanas fadigas!
Tudo parece asujeitar-se ao homem.

VIII.

Quantas idéias, pensamentos quantos
Em sua alma se agitão!
D'aqui escuta os ais, ouve os gemidos
Da triste humanidade,
Que jaz do captiveiro em duros ferros.

IX.

D'ali vê o tyranno em throno erguido,
Da virtude em despeito,
E curvada a seus pés a Natureza,
Coberta de ignominia,
Do ferreo sceptro o peso supportando.

X.

Volve os olhas d'ali, e alem divisa
O sórdido avarento
Não poder se apartar do seu thesouro;
Em quanto o indigente
Mesquinho pão de porta em porta esmola. *

---

* O verbo *esmolar* significa pedir, ou dar esmola; tenho-o porem encontrado mais vezes com a significação de Pedir esmola, e é neste sentido que delle me sirvo.

XI.

Dos olhos seus então lagrimas pulão
De dôr e piedade.
Movido o coração de alheios males,
No peito seu palpita;
Chora; mas só do mal, que fere a outros.

XII.

Melancolico, triste, a passo lento
Caminha ao tosco alvergue;
Na porta encontra o amigo, que o espera;
Ah como ahi se abração!
Amigo! Amigo! dizem satisfeitos.

XIII.

Quem ha que louco* não te busque ancioso,
O' vida quieta e pura!
A dôr, a propria dôr, se é qu'ella existe
Comtigo, é mal suave.
Feliz s' eu te gozar me fosse dado.

---

* Louco por loucamente.

OS LUNETISTAS.

I.

Já da serena Aurora o roxo manto
As trevas no horizonte afugentava;
Morpheo, que manda os sonhos, entretanto
Os olhos dos mortaes abandonava;
Um côro de volateis com seu canto
O resurgir de Phebo festejava,
Que já puxado pelos seus Ethontes,
Dourava o cimo d'alterosos montes.

II.

Quando nas torres os sineiros dinos
Os bronzes sonorosos repicavão;
E, vibrando as camadas d'ares finos,
Nos timpanos de todos retumbavão.
Assim dos Templos os pendentes sinos
Um dia festival annunciavão;
Domingo éra esse tão alegre dia,
E grande festa em certo Templo havia.

III.

As ruas já se viāo povoadas
De fiés, qu'a Igreja iāo buscando;
Encontravāo-se velhas já curvadas,
Sobre os ombros dos netos se encostando;
Crianças, velhos, damas enfeitadas
P'ra o Templo tudo em fim s'ia chegando:
Os moços caminhavāo pressurosos,
E os velhos com seus passos vagarosos.

IV.

Encheu-se em fim o Templo n'um momento
D'aquelles, qu'ouvir Missa pertendiāo;
Porem nem todos tinhāo tal intento,
De tantos quanto aquelle Templo enchiāo:
Por que mulheres vãs, sem rumo e tento,
Sentadas nos estrados lá se viāo,
Que nada mais buscavāo, que ser vistas
Pelo bando de estultos *Lunetistas.*

V.

Em pé, ou sobre bancos assentados
Estavāo os peraltas e cadetes;
Erāo estes de fardas adornados,
Barretinas, pennachos e floretes;

Aquelles tinhão calças de riscados,
Chapeos brancos, gravattas e colletes;
Em fim vestido tinhão sobre tudo
Cazacas co'altas golas de velludo.

VI.

Assim esses autômatos mostravão
Ser em seus vistuarios differentes,
Mas elles entre si se homogenavão
Nos vicios, e costumes impudentes;
De mais, outros signaes os irmanavão,
Que nos peitos trazião bem patentes;
Erão fitas azues, e outras pretas,
Em que pendentes tinhão as lunetas.

VII.

Bem como as cabras trazem e os carneiros
Nos pescoços cadaços amarrados,
P'ra que se reconheção nos outeiros,
E por outros não possão ser trocados;
Ou tambem como trazem os rafeiros
As colleiras, com guizos pendurados;
Tal estava esta tropa assignalada,
P'ra se não confundir co'a gente honrada.

VIII.

Assim estava cheio aquelle Templo
De mulheres e d'homens viciosos.
Bem poucos bons se vião, por exemplo
As matronas e velhos respeitosos.
Porem os *Lunetistas*, qu'eu contemplo
Nos gestos quaes macacos graciosos,
Com rizos e conversas impedião
Que lá ouvissem Missa os que querião.

IX.

Entre todos se via um *Lunetista*,
Que se dezia ser afidalgado;
Do entendimento tinha curta a vista,
Por isso de luneta andava armado;
Era tanto dos grandes partedista
Que por grande se tinha já julgado;
E com esta fumaça pertendia
Poder tudo fazer, quanto queria.

X.

A seu lado direito lhe ficava
Um seu amigo, a elle similhante,
E com este visinho conversava
O fidalgo, de modas fabricante,

Não vês aquella dama (perguntava)
Qu'entre todas se mostra mais galante?
Pois por ella eu aqui só me demoro,
Por que longo tempo ha qu'eu a namoro.

XI.

Não vês mais (continua) aquella feia
Qu'atraz da outra um pouco está sentada?
Pois de bella e de amavel alardeia
E cuida ser de todos namorada:
Ella em chamas de Amor por mim se ateia,
E se julga tambem de mim amada!
Escriptos d'ella tenho recebido,
E só por divertir-me hei respondido.

XII.

Ali outras estão engraçadinhas,
Qu'eu tenho visto já, se não me engano.
O' sim; conheço-as bem; são as visinhas,
Raparigas gentis! tocão piano!
Dançar sabem mui bem! cantão modinhas!
Com todas já bailei; e fiz meu plano
De entregar á maior um escriptinho,
Quando dançar com ella o miudinho.

XIII.

Outro se via ali, e tão demente
Que namorava a torto e a direito,
E fazendo servir as mãos de pente,
Dava aos cabellos elegante geito:
Piscava os olhos, e abaixando a frente,
Signaes co'as mãos fazia no seu peito;
Ora tussia, e tanto se assuava,
Que a ponta do nariz vermelha estava.

XIV.

Bem no meio do Templo apercebido
D'armas e de luneta um fero Marte
Se via; como quem tão aguerrido
Suas armas levava á toda parte.
Mas estava de si tão embebido,
E todo se arranjava, e com tal arte
Tanto elle endireitou seu pescocinho,
Que arrancou o postiço collarinho.

XV.

Encostado ao altar outro pedante
Qual boneco d'engonso ali se via;
Mil carrancas fazendo co'o semblante,
P'ra mostrar, que de musica entendia;

Affectando co'o corpo um ár dansante,
No chão co'o pé direito elle batia;
De modo que, se só ali se achara,
Certamente qu'um solo inglez dansara.

XVI.

Mas entre tudo um caso de memoria
A um mancebo esbelto aconteceo,
Quando da jovial arte amatoria
Muito bem praticava o qu'aprendeo.
Tal foi, que, quando cheio desta gloria,
Um tão morbifico ár o accommetteo,
Que pállido ficou, e sem alento
Baquiou sobre o frio pavimento.

XVII.

Então logo d'ali p'ra sacristia
Levárão aquelle Adonis lamentavel;
Sobre um banco o deitárão, e á porfia
Cada um em soccorre-lo éra incansavel:
No fato lhe fizerão anatomia,
P'ra dar alento ao corpo miseravel;
Porem tanto o seu corpo elles despírão,
Que pedaços alguns no chão caírão.

XVIII.

Assim, quando o espartilho lhe tirárão,
P'ra dar ainda ao corpo mór largueza,
Tambem os ombros seus se deslocárão,
E as nadegas postiças á Franceza:
Tanto que partes taes se despregárão,
O seu corpo ficou em tal magreza,
Que não se pôde so'co'a simples vista
Dizer se era, ou não era um *Lunetista.*

XIX.

Ao ver naquelle estado os seus amigos
Olhavão-se uns aos outros assustados,
Pois ante os olhos tinhão os perigos
A que espunhão-se, andando espartilhados.
Mas não mudàrão, não; pois taes castigos
Não bastão aos *Heroes* afeminados:
Com razão, pois não querem por tão pouco
Tornarem-se mal feitos como um touco.

XX.

Mas á força de varios excitantes
O misero do chão se ergueo com vida,
Pasmado olhou p'ra todos os semblantes,
E a vergonha julgou então perdida:

E, sem nada saber dos circunstantes,
(Como quem do seu mal nada duvida)
D'ali partio ligeiro, e as calsas suas
Foi inda abotoando pelas ruas.

XXI.

Entre tanto tambem a sacro-sancta
Festival Missa se ia terminando,
Já tudo se benzia, e a gente quanta
Ali se achava se ia retirando:
Mas por toda sair, e por ser tanta
Foi na porta do Templo se apertando;
E os *Lunetistas*, qu'isto já previão,
Por entre aquella gente se mettião.

XXII.

Já este á sua dama se chegava,
E ousado lhe pedia os seus favores;
Aquelle as mãos de outras apertava,
E á todas ia dando mil louvores;
Um outro seus escriptos entregava,
Ou versos copiados dos auctores;
Porem sempre com tanta agilidade,
Que segavão dos Pais a actividade.

XXIII.

Ind' outras cousas mais ali se vírão,
Que a virtude, e a razão jamais tolerão:
Quantas conversas loucas não se ouvírão?
E que d'obsenos nomes não disserão?
Contar as vezes quantas delinquírão
Estes *Raccionaes*, e o que fizerão,
É metter todo o mar n'uma redoma,
Das penas infernaes fazer a soma. *

XXIV.

Pouco pouco d'ali fôrão saindo
Os ranchos, e as familias destroçadas;
Porem fóra outra vez se reunindo
Para as casas partírão apressadas:
Dos *Lunetistas* uns fôrão seguindo
As damas, só p'ra ver suas moradas;
Outros fôrão jantar co'os seus amigos,
E para os botequins os mais mendigos.

XXV.

Assim os *Lunetistas* se apartárão,
Para cuidar de novo em seus recreios;
Mas já mesmo d'ali se convidárão
Para os jogos á tarde, e os passeios;

* Bocage.

De noite ao Té-Deum se appresentárão,
E mil cousas fizerão, sem receios
Da tesoura da Critica insolente,
Que os costumes retalha, e põe patente.

XXVI.

Agora um só conselho, ó' *Lunetistas*,
Eu disto em conclusão pertendo dar-vós;
Pois só por vós me occupo, e tenho em vistas
A' Virtude, e á Razão encaminhar-vos:
Deixai de ser dos Templos vãos cursistas,
Para qu'os mais não possão criticar-vos:
Pois visto qu'ouvir Missa não quereis,
Melhor é que nos Templos nunca entreis.

XXVII.

De mais, para que o tempo assim perderdes
Quando nos botequins podeis gandardes?
Lá tendes bem com que vos entreterdes,
Sem os Templos, e Altares profanardes;
Tendes refrescos bons para beberdes,
Tendes mais o bilhar para jogardes;
Ah isto vos dá gosto, e é mais honroso,
Que os Templos profanar sem outro gôzo.

XXVIII.

Este conselho pois a vós dedicò,
Para em tudo vos ver homens perfeitos;
Se com elle, porem, vos prejudico
Deixai-o, e paz faremos satisfeitos;
Eu co'o trabalho, bem que inutil, fico,
Com vosco ficarão vossos defeitos:
E á custa de me rir dos vossos vicios,
Dos meus irei fazendo sacrificios.

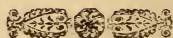
Soneto.

O' como se ergue o mar encapellado,
Escarcéos no ar mostrando assustadores!
O' como exhala roncos zunidores,
Só por que foi dos ventos agitado.

Mas ei-lo que lá vem apressurado;
A'praia chega, e perde seus furores,
E todo se desfaz em brancas flôres,
Depois de se mostrar tão irritado.

Tal é o proceder das Marcias bellas.
Quando um homem lhes falla a vez primeira,
Dão as costas, e batem as janellas.

Dura o rancor até a vez terceira;
Mas quebrão a final suas procellas,
E em flôres se termina a brincadeira.

Epigrammas.

Protestei não fazer versos,
Não sei se fiz bem, ou mal:
« Porque? porque todos dizem,
Que são frios, e sem sal.

« Ah não creîas, meu amigo;
« Deixa fallar os pedantes;
« Bem salgados são teus versos,
« E mais fortes, qu'os purgantes.

OUTRO.

Por formar-se em Cirurgia
Tornou-se Nepha impostor!
« Ora é grande novidade;
« Não sabes qu'elle é Doctor?

ODE SAPHICA.

O' que tristeza me consentra a vida!
Me embarga o sangue de girar nas veias,
Fraco palpita o coração no peito;
Pavido chóro.

Meus frios membros d'um suor se regão,
Inda mais frio do que o mesmo gêlo;
E sob o peso de meu corpo exangue
Curvo os joêlhos.

Languidos olhos para o chão se voltão,
Dos véos cobertos, que da vista os privão;
Amargo pranto me humedece o resto
Já descorado.

O brando somno dos meus láres foi-se;
Vigilia eterna meus sentidos cânção;
Negras imagens, pensamentos tristes
D'alma se apossão.

P'ra mim não surge a rubicunda Aurora ;
P'ra mim não gira o fulgurante Phebo ;
Triste e sozinho no meu tosco alvergue
Vivo enterrado.

As tenras flôres, qu'eu regava outr'ora
Com tanto mimo, e que prazer me davão,
Ora emmurchecem, sem o meu cuidado
Perdem a gala.

Que horrenda noite!.... que pavor me cerca!
Por toda parte mil phantasmas se erguem
Da espesso fumo, sem sessar vibrando
Olhos de brasas.

N'aquelle valle de ciprestes negros
Zunem os ventos com furor não visto...
D'aquella rocha, murmurando, o rio
Se precipita.

Lá sôa o canto do tristonho moxo!
Sinistro agouro annunciar pertende...,
Sim, eu já tremo, e me arrepio todo.
Morte! chegaste.

Mas ah! eu sonho? que delirio é este?
Como esquecido do passado vivo!
E tanto póde da saudade o golpe
N'um terno peito?

O' triste origem de crueis pezares!
Mãe da saudade, rigorosa ausencia,
Amor nos une com seus doces laços,
Tu nos separas!

Assim distante da gentil Marilia
Dos teus rigores eu supporto o peso,
O' dura sorte d'um fiel amante!
O' desventura,

Soneto

IMPROVISADO NO MOMENTO DA DESPEDIDA DE UM AMIGO.

Adeos, porção de mim; adeos, Amigo;
O momento chegou da despedida!
Minha alma de mil settas combatida
Em tão dura afflicção não acha abrigo.

Triste e sozinho fico; pois comtigo
Levas todo o prazer de minha vida.
Vai, sem mim vai gozar a paz querida.
Adeos, porção de mim; adeos Amigo.,

Que gosto não terás quando avistares
A casa paternal! o' que ventura
Quando da terna Mãe a mão beijares!

Ah seja o teu prazer de eterna dura,
Em quanto eu consumido de pezares
Descendo vou á fria sepultura.

ODE

A' Guerra.

I.

O' filha d'ambição, o' Guerra, o' Guerra,
Da virtude, e da paz oppositora!
Tu és só a motora
Dos males, que devastão toda a terra;
Por ti errante vive a Liberdade;
E a triste humanidade
Cheia d'opprobrio, e de grilhoens cercada
Por ti mil vezes no seu sangue nada.

II.

Reinando a sancta paz tudo é ventura.
Brilhão as artes, as sciencias crescem;
E genios apparecem,
Qu'os arcanos escrutão da Natura.
Então Newton co'a mente peregrina
Os astros examina;
Observa o movimento, as leis syndica,
E a força d'attracção descobre, explica.

III.

Da paz á protecção bosques perlustrão
O famoso Linneo, Buffon facundo;
Assim vão dando ao Mundo
Sciencias naturaes, assim se illustrão.
Eis sulcando Colomb ondosos mares,
Descobre novos lares,
Do globo quarta parte ás trez occulta.
Ah tudo, tudo em fim na paz exulta.

IV.

Mas que escuto! um clarim ao lonje sôa!
E' da guerra o signal! ás armas, bradão!
Já todos se assoldadão,
E o campo de Mavorte se povôa.
Reunem-se esquadrones, infanteria,
E a brava artilheria;
Balas, e bombas em montoens despostas,
E as peças nas carretas sobrepostas.

V.

D'aqui cobertos d'armas se divisão
Nas bellicas fileiras dos soldados
Lavradores honrados,
Que, arando, as terras suas fertilisão;

D'ali artistas mil levantão muros;
Outros os ferros duros
Sobre as bigornas málhão, e fabricão
Armas, que os seus contrarios mortefieão.

VI.

Mas eis que marcha á bellicosa gente
Ao crebro som de trompas, e tambores;
Das armas os fulgores
De parte á parte empoem respeito ingente.
A' testa os generaes mandão vaidosos
De louros cubiçosos;
Já se encontrão as turbas de Mavorte;
Já pelejão, já buscão dar-se á morte.

VII.

Veloz lá corta os ares, sôa, e berra
Lançada do canhão candente bala;
Qual raio tudo abala,
E o que se lhe antepõe prostra por terra.
Qu'horror! que confusão! por toda parte
Só reina o fero Marte!
Já d'aqui, já d'ali caiem os feridos,
Dando gritos crueis, espavoridos.

VIII.

Cadáveres sem conta se divisão.
Em pó, em sangue envoltos sobre a arena.
Que pavorosa scena!
Como as leis da razão aqui se pisão!
Eu tremo, eu choro ao ver tantos horrores!
Abutres roedores
Dos mortos são os unicos jazigos!
Natureza, chorai; chorai, amigos.

IX.

Eis, o' monstro voraz, furia do Averno,
Accerbos fructos teus; eis tua gloria
Impia, e transitoria!
E tu, potente Deos, Senhor superno,
Tu, origem da paz, livra os humanos
Destes monstros tyrannos,
Qu'os seus povos conduzem só á guerra,
E afugentado teem a paz da terra.

A SAUDADE DE UM AMIGO.

IDYLLIO.

Eis aqui o saudoso, amavel sitio,
Onde ao lado do meu querido Amigo
Delicias naturaes gozei sem conta,
N'aquella tarde tão serena e bella,
Cuja lembrança existirá gravada,
Em quanto vivo eu fôr, na minha idéia.
Tudo prazer então manifestava;
Hoje tudo me iguala na tristeza.

Eisaqui o lugar, onde assentado
Esteve este protótypo de encantos.
E como está crescida a verde selva!
Tempo ha tão pouco, qu'eu a vi rasteira!
Sem duvida o calor suave e brando
Do lindo Alexis augmentou-lhe a vida.
Agora eu tambem quero, aqui sentado
Respirar a frescura, qu'ella exhala.

Eu reconheço esta arvore,.. foi ella,
Que benigna prestou-lhe a sombra sua.
Fatigado de andar por estas selvas,
Aqui chegou commigo o meu Alexis,
E debaixo desta arvore estendeu-se,
E a cabeça pousou sobre meu collo.
Seu corpo estava de suor banhado;
Mil crystallinas bagas lhe escorrião
Uma após outra pelas rubras faces;
Seus meigos olhos, não de todo abertos,
Se occupavão de mim; um doce riso
Os voluptuosos labios lhe enfeitava;
Brandos, ligeiros Zéphyros em torno
Espargião balsamicos effluvios,
Que ião beber nos calicis dos lyrios,
Que nos prados visinhos vegetavão;
E ainda não contentes d'esta offrenda,
Vinhão brincar co'os seus louros cabellos,
Assopravão-lhe a roupa brandamente,
E a bocca breve, e os olhos lhe beijavão.

Tu, terno sabiá melodioso,
Rival da Philomela, doce incanto
Dos ermos bosques da querida Patria,
Tu vieste pousar no verde tópe
D'aquella alta mangueira; ahi soltaste
Ternas modulaçoens, gratas endechas,

Que deslembrados versos me arrancárão
D'esta alma, que embebida estava toda
Na vasta idéia da belleza eximia,
Da candura sem par, do genio docil
Do caro Amigo, que presente eu tinha.

Aqui, o beija-flôr sempre incansavel
Ostentava no ar a maravilha
Do esmalte de mil côres, qual mais bella.
Ali, girava a linda borboleta.
Acolá, sobre aquelle cafeseiro,
Terna rôla affagava o par mimoso;
E este ribeiro, cuja lympha clara
Com grato murmurío se desliza,
Mas dava ao quadro um pictoresco aspecto.
Este, das Graças, plácido remanso
Mais incantos então tinha, que o Éden,
Qual o pinsel de Milton nos retracta.

Então me disse Alexis: meu Osmindo,
« Como é grato o passeio das florestas!
« Por toda parte vêem-se mil prodigios,
« Mil graças naturaes nos embellezão:
« Feliz quem em seu proprio campo vive,
« E que vê avultar nedio rebanho;
« E feliz inda mais, tendo um Amigo!
Sim, um Amigo vale mais, que tudo,

Abraçando-lhe, eu disse; a Natureza
Nada tem, que comtigo se compare.
Tu és um outro eu; em ti eu vivo;
Um nó sagrado nossas almas une,
Novo exemplo seremos d'Amisade.

Écho nos escutava, e cuidadosa
Estas mesmas palavras repetia.
O' tempos, que voastes tão ligeiros,
Nunca mais voltareis; felices tempos.

Soneto.

O' tu, incanto meu! O' tu, meu Nume!
Causa de minha dor, de meu tormento,
Dize, cruel, qual é o teu intento?
Queres qu'eu morra á força do ciume?

Jamais meus ternos ais, e meu queixume
Em ti encontrarão acolhimento?
Tu, que nutres o amor mais violento
Nesta alma, que por ti só se consume?

Não é facticio effecto o que me abala,
É amor em delirio, é seu excesso,
Que me leva ao furor, e que me rala.

Então, ingrata, um ai não te mereço?
Não temas de o dizer, sem pejo falla;
Decide, « não. O' Cêos! eu desfalleço.

ODE ANACREONTICA.

Eu amei a Marcia
Com cega paixão,
Mas ella pagou-me
Com feia trahição.
Foi falça, e por tanto
A' outra já dei
O meu coração.

Agora amo a Lilia
Com dobrado amor,
Pois ella é em tudo,
Qu' a outra, melhor.
Porem já protesto,
Deixar-lhe de amar
Se ingrata me for.

Nunça a Anacreonte
Amante faltou,
Mas elle éra velho,
E eu moço sou;
Nem consta que desse
Um premio maior,
Que o premio, qu'eu dou.

Se as cordas vibrando
Da lyra fiel,
Amor nos pintava
Mais doce, que o mel;
Tambem eu de Marcia
As graças cantai;
Mas foi-me infiel.

Não foi mais amante
O velho de Téos;
Porem a fortuna
É dada por Deos.
Mas Lilia me adora,
Me chama seu bem!
Ah! graças aos Céos.

Já eu não te invejo,
O' velho cantor;
Pois minha fortuna,
Que a tua, é melhor.
Agora contente,
Qual foste, eu vou ser
Um Vate de Amor.

EPIGRAMMA.

De crueis dores de estomago
Queixava-se um peralvilho:
« Tem remedio (diz-lhe um medico)
« Não se ataque de espartilho.

Soneto

A' UM SABIA'.

Mimoso Sabiá, terno e canoro,
Alma dos bosques, que o Brasil enfeitão,
Como seu mestre as aves te respeitão,
E os homens como o Orphêo do aério côro.

Os Amores, e Lilia por quem chóro,
Teu doce canto por tributo aceitão;
Elles folgão comtigo, e se deleitão,
Eu pasmo de te ouvir, e a um Deos adoro.

Tu vives em continua primavera;
Lilia te affaga, Lilia ouve teu canto,
A tua feliz sorte, ah, quem me dera!

Então o meu penar não fôra tanto;
Pois seu peito abrandado já tivera
Co'a voz, que ao seio d'alma leva o incanto. 7

Epigramma.

O que tem? (pergunta um sabio
Explorando o seu doente)
Eu só sinto (diz-lhe o pobre)
Uma fraqueza imminente.

Isso é nada (torna aquelle)
O Senhor quase está bom:
Coma agora o que poder
Para tomar algum tom.

Isto faça, que amanhã
Se achará em outro estado:
Assim foi, pois n'outro dia
O achou já enterrado.

ODE PINDARICA

AO AMOR DA PATRIA.

C'est lui qui produisit tant d'actions immortelles, dont l'éclat éblouit nos faibles yeux, et tant de grands hommes dont les antiques vertus passent pour des fables, depuis que l'amour de la Patrie est tourné en dérision.

J. J. ROUSSEAU.

ESTROPHE 1ª.

Que fogo sinto em mim! vulcão sou todo!
Sair parece o coração do peito!
Mil quadros portentosos
Ante meus olhos inflammados s'erguem!
E'stu, Amor da Patria,
D'almas nobres enlevo, e doce incanto,
E'stu só que me assim abalas tanto.

ANTISTROPHE 1ª.

Se ignias cançoens brotar podesse a Musa,
Outra linguagem se formar podesse,
Se outra nova harmonia,
Nunca ouvida até-qui criasse o genio,
Então, sublime affeito,
Cantos dignos de ti tecer podera,
E á Patria minha novo esmalte eu dera.

EPODO 1º.

Odio dos homens é, odio é dos Numes,
Indigno da existencia,
Quem a Patria não ama, e não adora.
Envergonha-se a propria Natureza,
E horrorisada chóra,
Comtemplando tal monstro de bruteza.

ESTROPHE 2ª.

Podeste, o' Cesar, conquistar mil povos,
Passaste o Rheno, deste lei aos Parthos,
A Syria destruiste,
Do soberbo Pompêo domaste o orgulho,
Mas do bom Patriota,
Do impavido Catão nunca zombaste,
Nem da sua virtude triumphaste.

ANTISTROPHE 2ª.

Inda de Bruto a evocada sombra
D'outros Tarquinios os projectos burla:
Inda de Macedonia,
Tremendo, vêem os descorados muros
Os reflexos da espada fulminante
Do grande Paulo-Emilio :
Inda os padroens erguidos aos Horacios,
Attestão o valor dos Curiacios.

EPODO 2°.

Genio da antiga Grecia, tu me apontas
Teus filhos semi-deoses
Triumphantes no alcácar da memoria,
De amor da Patria em chamas abrasados.
Co'a clara luz da Historia
Que prodigios eu vejo praticados.

ESTROPHE 3ª.

Quaes soltas lavas do Visuvio, e do Etna,
Xerxes armado contra Grecia corre.
Brama Neptuno irado
Co'o peso dos baixeis; a terra treme;
E lá no sacro Olympo
Marte, só ao horror, e á guerra affeito,
Marte sente que o susto entra em seu peito.

ANTISTROPHE 3ª.

Trezentos Leonidas sós espalhão
Terror, e confusão, e susto, e mortes
Nos esquadroens de Xerxes.
Mas já cansados de matar dois dias,
Em defensão da Patria
Ao meio do perigo affoutos correm,
E co'o peso da gloria todos morrem.

EPODO 3º.

O' que prazer me innunda, e me aniquila!
Arrobada minha alma
De tropheos em tropheos livre vagueia.
Ali, Aristomenes * se apresenta,
A espada relampeia,
E do jugo extrangeiro a Patria isenta.

---

* Aristomenes, famoso general de Messenia, que salvou a sua Patria do jugo de ferro com que a Lacedemonia havia trinta annos, que a opprimia. Gratos os seus concidadãos lhe offerecêrão o real diadema, que elle rejeitou. Pela sua rectidão, e firmeza derão-lhe o sobre-nome de *Justo.*

ESTROPHE 4ª.

Ali, contra os Heraclidas eu vejo
O illustre Códro sopesando a lança.
Para salvar a Pátria
Convem que na batalha um Rei pereça.
Tu, Códro denodado, *
O peito offertas ao inimigo corte;
Pois morrer pela Patria é doce morte.

ANTISTROPHE 4ª.

Quantos, ali, apar de Heroes famosos,
Vates estão, que nome á Patria derão!
Na lyra endeosado,
Ali, Homero está; ali, Virgilio;
E tu, Camoens amigo,
Só por amor da Patria deste ao Gama **
Na tua lyra eterna immortal fama.

---

* Códro, ultimo Rei de Athenas. Os Heraclidas declarando-lhe guerra, este consultou o Oraculo, e a Pithia respondeo, que a victoria seria para aquella nação, cujo rei moresse no combate; fugião por isso os Heraclidas de o matar; mas este Rei patriota, desfarçandó-se, atacou um dos inimigos, o qual o matou. Tiverão

EPODO 4°.

Genio da Patria minha, se me accendes
N'alma o etherio fogo,
Que já do Ismenio Cysne * ardêo na mente,
Em honra tua espalharei meus hymnos
D'Oriente ao Occidente,
E os filhos teus Heroes farei divinos.

---

os Athenienses a victoria; e o Códro foi chamado o *Pai da Patria.*

** O mesmo Camoens diz nas LUSIADAS, Canto V, Estancia XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da Patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama.

* Ismenio Cysne, Pintaro, natural da Beocia, onde corre o rio Ismeno, que aqui lhe dá o nome.

EPISTOLA.

A' MARILIA.

Tudo o que sente, tudo o que respira,
Tudo o que do almo Sol calor recebe,
Reconhece de Amor supremo mando.

Américo Elysio.

O' Marilia, meu bem, incantos d'alma,
Do verdadeiro Amor attende á historia.

Não é de Cytheréa o tenro filho,
Esse infante gentil, olhivendado,
Ante quem respeitoso o Paganismo
Sua frente curvava, e seus joelhos,
E que por elle indignamente fôra
Como o movel de Amor, Deos acclamado;
Não é esse menino, outra vez digo,
Quem accendeo a chama no meu peito
Da sublime paixão em que me abraso.
Esse Deos infantil é fabuloso;
O verdadeiro Amor, ah, não é elle.
Embora o nome seu se communique
Por uma tradição de bocca em bocca;
Embora nas historias encontremos,

Com arte cheias paginas inteiras,
De bellas descripçoens a seu respeito;
Por isso não será mais verdadeiro.
Um vão phantasma é só, um Deos facticio,
Antiga producção de antigos Vates.

Outro Amor mais real hoje me anima,
Me excita a mente, me colora as faces
Do assomante rubor, que o sangue off'rece.
Sim, é esta paixão sublime e sancta,
Que imprime n'alma sensaçoens gostosas,
Que só no peito tem morada sua,
Na vista o nutrimento, e n'alma a força;
E' esta inclinação, que attrahe um sexo
Por uma sympathia a outro a unir-se;
E' este sentimento finalmente,
Que já de nossos Pais co'a vida herdamos,
Que pouco a pouco em nós se desenvolve,
Até vigôr ganhar com nossos orgãos;
Então brota, e florece, e alfim se torna
A partilha feliz da mocidade.

Amor isto só é; segura base
Do estado social, da paz perfeita.
Elle só nos segura os mais eximios
Regozigios, e bens, que a mãe Natura
Tem destinado a nós, seus caros filhos.
Sim, Marilia gentil, attende ainda.

O sabio Architector da Natureza,
Esse supremo Deos, que reje tudo,
Tendo creado os homens, e os mais seres,
Que da força vital o influxo gozão;
Em seu alto saber presentio logo,
Que baldados serião seus esforços,
E suas esperanças malogradas,
Se uma lei instinctiva não creasse,
Que os differentes sexos attrahisse
Da immensas especies differentes,
Para os fins completar da Natureza,
Então elle assoprou um fogo etherio
Nos peitos das primeiras creaturas;
Este fogo é o Amor, germen da vida;
Paixão, que tem té nós se propagado;
Paixão, aquem devemos a existencia,
E que hoje o coração tanto me inflamma.

O' sublime paixão, o que seria
Deste Mundo sem ti? ah, nada fôra!
Sem ti os sexos dois da humana especie
Em laços conjugaes não se terião
No começo do Mundo reunido;
E o tempo suas vidas dessipando,
Com ellas sua especie terminara.
Da classe irracional seria o mesmo;

Pois seus membros, Amor, por ti se ligão,
De ti ternos favores partecipão.

E vós, o' vegetaes, tambem terieis
Deixado de existir sem seu influxo!
Estes campos então não se verião
De flôres esquesitas esmaltados,
De quem o aroma, e a côr rivalisando,
Aos olhos, e olphato aprazem tanto.
Calvos os montes estarião todos,
Sem nos seus alcantîs altivos cedros,
Que, os topes entre as nuvens escondendo,
Immoveis zombão do furor dos ventos.

Qual ephemera luz relampejante,
De electrica explosão, que brilha, e morre,
Assim da Natureza os seres vivos
Abortados terião, quando apenas
O primitivo empulso recebêrão
Das mãos do Creador Omnipotente;
E sem pompa, e sem vida a Natureza,
Então não fôra mais, que um vão phantasma,
Um mirrado esqueleto, e um composto
De partes inorganicas sómente.
Esta seria da Natura a face,
Sem ti, o' sancto Amor miraculoso.
Porem, graças ao Céo, Amor existe!

Tudo respira paz, tudo alegria;
Pois de tudo, que ha bom, a causa é elle.

Embalde contra Amor bramem, e ralhem
Philosophos phreneticos, tristonhos,
Em cujas veias atrabiles gira;
E por isso gozar elles não podem
Doces fructos, que Amor off'rece aos outros.
Embalde mesmo denegrido o pintem
Esses entes protervos, misanthropos,
Dos humanos imigos declarados;
E, calcando a razão, de raiva cheios,
As mais torpes acçoens lancem-lhe em rosto,
Como só sendo Amor a causa d'ellas.

Embalde; pois jámais Amor podera
Maldades perpectrar contra os humanos;
Mas antes esses crimes são productos
De ruins coraçoens, que desconhecem
Essa sancta affeição consiliadora.

Em vão por tanto deste geito tracem
Nos peitos extinguir d'Amor a chama,
Que os bem nascidos coraçoens abrasa,
E que os homens a Deos tanto assimilha.

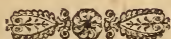
Tal é, minha Marilia, o vero quadro
D' amorosa paixão, qu' hoje me anima.

A ti o envio pois, a ti sómente,
Para quem só me attrahe d'Amor a força.

Oxalá que mover te possa o peito;
E que as minhas razoens te plantem n'alma
O doce germen do mimoso affecto;
E o fructo, que brotar meu premio seja.

EPIGRAMMA.

Apenas no horizonte o sol surgia,
Já no seu toucador Marilia estava;
Para certa funcção se preparava,
Que devia acabar ao meio dia:
Quando se deo por prompta éra uma hora;
Outra vez se despio, não saîo fóra.

CANÇONETA.

Pintar eu quero
Minha paixão,
E a dôr, que sente
Meu coração.
　　E tu, amada,
　　Prenda querida,
　　Escutà as mágoas
　　De minha vida.

Em quanto isento
D'Amor passava,
Dias alegres
Então lograva.
　　Porem agora,
　　Que te conheço,
　　Por ti só peno,
　　Por ti padeço.

O voraz fogo,
E o teu rigor
Me causão sempre
Tristeza, e dor.
Assim eu vivo
Tão constranjido,
Que até me peza
O haver nascido.

O' desgraçado!
O' desditoso!
De que me serve
Ser virtuoso?
P'ra que me deste,
O' Natureza,
Peito sensivel
Por tal belleza?

Assim lastimo
A minha sorte,
E nada vejo,
Que me conforte.
Já abatido
O meu semblante,
Espero a morte
A todo o instante.

E tu, ingrata,
Por quem eu morro,
Inda não queres
Dar-me soccorro?
    Allivio dá-me,
    Se não expiro...,
    Fallar não posso,
    Já não respiro.

EPITAPHIO.

Aqui jaz um Doctor, que não devia
Tão cedo receber o parco corte,
Por que a todos mil bens elle fazia
Por gosto seu; e até da mesma Morte
As faltas compassivo assaz suppria.

Soneto.

Co'o Tempo passa um anno, um mez, um dia,
Uma e outra estação co'o Tempo passa,
Das bellas muda a côr, que o rosto engraça,
E sobre grão prazer traz agonia.

Do Tempo erguendo a fouçe a dextra impía,
Choças, torres, e templos despedaça,
E dos mortaes cortando a vida escaça,
Faz no Mundo cruel carniceria.

O Tempo tudo vence, e tudo altera;
Tudo muda, mas só não tem podido
Dobrar o genio d'uma ingrata féra.

Ah cobra, o' Tempo, o teu poder perdido!
Sim, muda em meu favor Marilia austera;
Ficar não queiras contra mim vencido.

Improviso.

O melhor da gentileza.

GLOSA.

O teu semblante, Marilia,
Tem de Venus a belleza;
Porem não tens em teu peito
O melhor da gentileza.

Eu possuo o que te falta,
Amor, ternura, e firmeza;
Une-me a ti, e teras
O melhor da gentileza.

EPIGRAMMA.

Um pente eu vi andando pelas ruas,
Que a si uma mulher levava presa;
Que mal fez essa pobre a seu marido
Para assim se vingar com tal dureza?

Soneto.

Sem a dita d'Achylles ter inveja.
CAMOENS. (*Luziadas*)

Se Marilia os meus versos acolhesse,
Em que o seu rigor lastimo, e choro;
Se o quanto amante sou, e o quão lhe adoro
Seu cruel coração reconhecesse:

Se essa ingrata por fim se enternecesse,
Por ver qu'eu só por ella me devoro,
E, cedendo á razão, o qu'eu lhe imploro,
De meu amor em premio concedesse:

Ditoso fôra então, então calcára
O duro Fado meu, que me pragueja,
E que tanto de mim atroz zombára.

E, exultando em prazer, que mui deseja
Meu terno coração, amor gozára,
Sem a dita d'Achylles ter inveja.

ODE.

Feliz se julgue embora o louco avaro,
Com quem prodiga foi a deosa cega,
Quando em torno de si, volvendo os olhos,
Só cofres seus avista.

Feliz se julgue embora, qu'eu não tróco
Por sua vida inquieta a minha vida,
Nem sua sorte invejo, nem cubiço
As vãs riquezas suas.

Pois mais feliz eu sou, inda que pobre!
Entregue ora do estudo ao doce incanto,
Entregue ora ao socego, ora aos Amigos
Alegre a vida passo.

Entre o meu Araûjo, e o meu Notanio,
Pelas doctas Irmães favorecidos,
Do Nume d'Amizade a sombra gózo
Melhor que mil thesouros.

Esquecido do Mundo em meu silencio
Nas aras da Razão a um Deos adoro,
Em quanto o avarento novas preces
Humilde a Pluto envia.

Resurge Phebo
Lá no horizonte,
E a luz brilhante
Já doura o monte;
Depois ao prado
Vem pressuroso,
E o valle umbroso
Por fim clareia
Com sua luz.

De toda a parte
Mil passarinhos
Batem as azas,
Deixando os ninhos;
E lá p'ra os cumes
Dos arvoredos
Os seus brinquedos
Alegres vôão
A ensaiar.

Ahi conjunctos,
Formando hum côro,
Um hymno cantão
Em tom canoro:
Assim contentes
E á porfia
Do pai do dia
Festejão todos
O bom natal.

Eis já procurão
Doce alimento,
P'ra curta vida
Curto sustento:
Sempre cuidosos
Dos seus filhinhos,
Nos seus biquinhos
Tenros bocados
Já vão largar.

Assim preenchem
Co'a mór firmeza
As sanctas leis
Da Natureza:
E p'ra que em tudo
Sejão ditosos

Co'os amorosos
Laços tão doces
Se unem tambem.

Assim os dias
Passão contentcs
Co'os seus amores
Tão innocentes.
Feliz se eu fosse
Uma avezinha,
Então asinha
Voára ao collo
Do meu Amor.

E ahi cantando
Co'o mór esmero,
Talvez movesse
Seu peito austero.
Ah quanto é dura
A sorte minha!
Sorte mesquinha,
Qu'hoje me priva
De tal prazer.

Á AURORA.

Como tão bella, tão mimosa assoma
    A matutina Aurora!
Como languida vem, inda embuçada
    Na purpura do leito.
Os cabellos em ondas lhe fluctuão
Sodre o branco alabastro de seu peito.
    Mil nuvens de Favonios
Em torno d'ella brandamente adejão.
Ao seu surgir apagão-se as estrellas,
    A lua desfalece,
E o negro véo da noite se evapora.

    Salve, o' luzente Aurora!
Salve, moça gentil; como és tão branda!
Como captiva teu olhar tão meigo!
Salve outra vez, o' Deosa antecursora
Do luzente farol, que o mundo esmálta.
Para saudar-te o sabiá canoro

Do somno acorda,
E alegre salta
De ramo em ramo:
E ao seu reclamo
Mil passarinhos
Deixão os ninhos:
E a voz suave
No ar soltando,
Ternas endechas
Vão modulando.

Todo o reino de Flora em honra tua
Exhala mil balsamicos effluvios.
Mal brilha o teu albor n'alta collina,
E já o lavrador, cantando, prende
Ao leme da charrûa o boi tardio.
Cantando, o pastorinho
Sólta do aprisco agrei, cantando a guia
Ao pasto costumado.
Ah! tudo almo prazer goza comtigo!
Eu só, cheio de mágoa, e de saudade,
Por distante me ver do caro amigo,
Um hymno d'alegria
Não, não posso tecer-te, amavel Deosa,
A voz rouqueja, e na garganta expira.
Se tomo a minha lyra,
Que repousa n'um canto abandonada,

E manso a vibro, as emperradas cordas
Entre os meus dedos, estalando, sáltão.
Só lagrimas eu tenho
Para chorar o caro amigo ausente.
Talvez que agora mesmo
Elle, qual eu, te esteja contemplando,
E de mim, como eu delle, se lembrando.
Talvez que agora mesmo
Se recorde das vezes, que a meu lado
Vio-te as portas abrir ao Sol dourado.

Se tu ao meu pezar sensivel fosses,
Bem podéras dizer ao caro amigo,
Que distante de mim saudoso mora,
Qu'eu delle penso
A toda a hora;
Que a todo o instante
Por elle chóra
Meu peito amante;
Que noite, e dia
Mil ais saudosos
Po elle envia
Aos Céos piedosos.

Soneto.

É mais doce, que o mel, teu terno agrado.

GLOSA.

Terna Venus, de Amor mãe carinhosa,
Vida, incanto, prazer da Natureza,
Astro do mundo, Deosa da belleza,
Luz, que offusca a razão mais orgulhosa,

Tu, o' Venus, arrastas caprichosa,
Os Reis té o tugurio da pobreza,
E o pastor tu levantas da baixeza,
E lhe offertas a c'rôa magestosa.

Tu és dos coraçoens o enlevo, e a lida;
Tu dominas o mar, a terra, e o Fado;
Tu és tudo, e por tudo obedecida.

Eu me esqueço de mim, 'stando a teu lado;
Um riso teu p'ra mim é mais, que a vida,
É mais doce, que o mel, teu terno agrado.

ODE

AO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE

FR. FRANCISCO DO MONTE ALVERNE,

PROFESSOR DE PHILOSOPHIA, EX-LEITOR DE PRIMA, E PREGADOR DA IMPERIAL CAPELLA.

Quem ha, que possa competir comtigo,
O' Genio singular, egregio Alverne,
Quando sóltas os diques á sublime,
Recondita facundia?

Quem ha, que possa, quando tu assomas
Na cadeira da rigida Verdade,
E nas veias te côa o ethério fogo,
Que Deos te embebe n'alma?

Quem, em sacro suor banhado ao ver-te,
A fronte erguida, as faces inflammadas,
Cheios os olhos de vivaces chamas,
Quem ha, que não te admire?

De povo o Templo apinhoado todo,
Morno silencio o ar, e os labios prende;
Novo propheta, tua voz retumba
Nos coraçoens mais rijos.

Dos tum'los seus as sombras se levantão
Dos Bossuets, dos Caldas, dos Vieiras,
Quando em divino arrobo as azas sóltas
Aos canoros accentos.

Ou já pintes ao vivo a Sacra Virgem
Entre nuvens de aroma ao cêo subindo,
N'uma aréola de estrellas coruscantes,
De Cherubins, e raios;

Ou já da Eternidade altos arcanos
Annuncies com vóz trovejadora
Aos discip'los da Cruz dejenerados,
Que no crime se engolphão.

Ou já á Liberdade encomios teças
Da tua cara Patria, e Patria minha,
Que por mais de tres seculos jazera
Em vergonhosos ferros.

Avido eu bebo tuas puras phrases
Mais doces para mim, que o mel do Hymetto;
E jamais de beber os meus ouvidos
Por cançados se derão.

Ainda, ainda o quadro se me antolha
Por tuas mãos traçado; eu vejo, eu vejo
Moribundo o Brasil aos pés calcado
Do estupido Governo.

O feroz Despotismo eu vejo erguido
Em throno de fogeiras flamejantes,
E sobre cadafalsos, rodeado
De punhaes, e de mortes.

Ao lado seu a Inquisição perversa,
Hypocrita e brutal, mostrando alçado
Na dextra o facho, que crestara as azas
De alumiados Genios.

Em extase divino arrebatado
Já te eu vejo render a Deos mil graças,
Que o querido Brasil salvou das garras
Do roedor abutre:

Por ti prophetisada alfim gozamos
A propicia, nascente Liberdade,
Que nunca aquecer pôde os frios óssos
Dos nossos bons Maiores.

Quem sem doce emoção póde escutar-te?
A tua erudição, tua eloquencia
Almas, e coraçoens attrahe, incanta
Do auditorio immenso.

Em magistral cadeira quem te iguala,
Quando os discip'los teus sabio inicias
Nos mysterios da sã Philosophia
Dos Despotas mal-quista?

Quem comtigo emparelha, quando os cofres
Lhes abres da Eloquencia, e lhes aplainas
A estrada, que os Demosthenes trilhárão,
E os Ciceros facundos?

O' da Patria tu és o esmalte, e o brilho!
Ella de ti os filhos seus confia;
Nelles novos Alvernes ver aspira,
Ao teu saber entregues.

Da lisonja o veneno de meus labios
Jamais se deslizou: puro e sincero,
A' verdade, que só me inspira o canto,
Tributo esta homenagem.

EPIGRAMMA.

Com oc'los verdes nos olhos
Certo Doctor imprudente
Pertendia ver a côr
Da lingua do seu doente.

Não precisa (lhe diz este)
Esse trabalho tomar;
Por que vendo com seus oc'los
Verde a lingoa deve achar.

Soneto

AO Illº. Sr. ANTONIO AMERICO DE URZEDO,

LENTE DO 3º. ANNO D'ACADEMIA MEDICO-CIRURGICA DO RIO DE JANEIRO.

Eu quizera, Senhor, que o divo Apollo
Seu estro me outorgasse nesta impresa,
P'ra que nos versos meus com mór franqueza
Voasse o nome teu de pólo em pólo.

Mas se a um fraco cantor do térreo solo
Não é dado o poder de tal grandeza,
Eu com tudo, senhor, com tibieza
Em proferir teu nome me consólo.

Sim, magnanimo Urzedo, eu te agradeço
A plena approvação, que me gloría,
Que foi por graça tua eu reconheço.

E neste para mim tão fasto dia
Recebe os fidos votos, que te off'reço
De pura gratidão, que só me guia.

ODE
A' Fortuna.

Fechada a estrada tenho de ser grande;
Porque nunca aprendi a envilecer-me.
FILINTO ELYSIO.

Os Vates com razão te pintão cega,
O' da Fortuna enganadora Deosa;
Pois sem pesar o merito, e a virtude
Teus dons a esmo espalhas.

Mas quanto a mim mais cego é quem se prostra
Ante a roda, em qu'os pés azados firmas,
Sacrificando assim a honra, e o pejo
Por bens, que pouco durão.

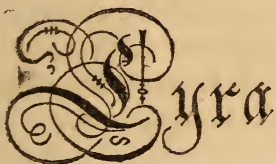
Teu falso resplendor não me deslumbra,
Nem sordida ambição me accende n'alma,
Nem profano por ti o dom das Musas,
Tecendo ao vicio encomios.

No sempre movel, Neptunino imperio
Eu não te seguirei por vãs riquezas,
Expondo a vida em quilha aventureira
A's tragadoras ondas.

Não me verão nos páteos dos Palacios
Entre os servos dos Reis; nem alimpando
O pó de augustas salas co'os joelhos,
Para alcançar-te, o' Deosa!

O Sol, que me aclarou na minha infancia,
O meu natal Paiz, os meus Amigos
Por decantadas, extrangeiras terras
Avaro, não, não tróco.

Se como Phocion no Marcio campo
Não vou vencer da Patria os inimigos,
Como elle ao menos zombo da Fortuna,
E das paixoens triumpho.

Feliz quem ama a sã Philosophia,
E qu'uma vez provar seus fructos pôde;
Porque, ao sabio Socrates seguindo,
Só a virtude adora.

Improvisada.

Doce paz, terna alegria
Sempre commigo habitárão;
Hoje não gozo prazeres,
Porque de mim se ausentárão.
    Hoje só sinto
    Tristeza, e dor:
    Ah em meu peito
    Existe amor.

Nos verdes, sombrios valles
Umas vezes passeava,
E sobre a florida relva
Um ar puro respirava.
    Hoje só sinto
    Tristeza, e dor:
    Ah em meu peito
    Existe amor.

Outras vezes sobre a margem
D'um arrôio adormecia,
Té que Phebo refulgente
Com seus raios me feria.
Hoje só sinto
Tristeza, e dor:
Ah em meu peito
Existe amor.

Outr'ora tudo risonho
A meus olhos se mostrava;
Hoje procuro, e não acho
O que dantes desfructava.
Hoje só sinto
Tristeza, e dor:
Ah em meu peito
Existe amor.

De tudo que soffro agora
Eu não sei a causa, não;
Só sei, que nesta mudança
Padece meu coração.
Hoje só sinto
Tristeza, e dor:
Ah em meu peito
Existe amor.

ODE
A' despedida

DE

Mr. JOÃO BAPTISTA DE-BRET,

MEMBRO DO INSTITUTO DE FRANÇA, E PROFESSOR DE PINTURA-HISTORICA DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DO RIO DE JANEIRO.

❧

Pela Patria, e por mim a voz desprendo
Ao som da lyra, que a saudade empunha;
Verdade, e gratidão guíão meu canto,
Não sordida cubiça.

De-Bret, digno Francez, Pintor preclaro,
Caro Amigo, Homem firme, sabio Mestre,
Eu te agradeço os bens, que tu fizes-te
A mim, e á Patria minha.

De um bom filho é dever ao pai ser util;
Mas d'homem o dever é ser a todos:
Assaz util nos foste, assaz nos deste
D'Homem, d'Amigo próvas.

Saudosa a tua Patria ora te chama,
E para receber-te estende os braços;
Chama-te a Patria, não hesites, cûmpre
Co'os deveres de filho.

Deixa embora o Brasil, que tanto prezas;
Não mais encares suas bellas scenas;
Sei qu'elle é seductor, que tem incantos,
Que os alvedrios prendem.

Sei quanto no meu peito a Patria împera,
Que mais o meu amor subir não póde,
Como pois poderei aconselhar-te,
Qu'a tua Patria deixes?

Ah não! não se dirá, qu'um Brasileiro
A tanto se atrevêo; embora, embora
Não honre o teu pinsel a nossa historia,
Nem as nossas paisagens.

Tu conheces meu peito, assaz tu sabes
Que honra, e virtude assim n'alma me gritão.
Indocil coração eu não possuo,
Indifferente a tudo.

Morno pezar me enlucta, e me profliga
Agora que o Brasil, e a mim tu deixas.
Ah não condemnes que entrecorte o canto
Com ais, e com suspiros.

Em nossos coraçoens agradecidos
Tu sobes-te, o' De-Bret, gravar teu nome,
E nelles viverás, em quanto as Artes
Amadores tiverem.

Vai tranquillo gozar na egregia França
Dos parentes, e amigos as caricias;
Vai tranquillo; que affoutos saberemos
Guardar a tua gloria.

Qual Mario, que apontava o Capitolio,
Qu'elle só com seu braço salvar pôde,
Assim das Bellas Artes a Acadêmia
Co'o dedo apontaremos.

Ali, diremos nós aos teus contrarios,
Ali, De-Bret abrio os aureos cofres
E os arcanos, com que lhe mimoseara
A Deosa da Pintura.

Ali, elle ensinou como co'as tintas,
De Saturno ao furor se erguem barreiras,
Onde as ondas d'olvido humildes currão
As tumidas cervises.

Ali, elle luctou co'a cega Inveja;
E a despeito dos seus ardís, e embustes
Alma nobre mostrou, dest'arte erguendo
Padroens á sua gloria.

Sim, o' De-Bret, será teu nome eterno;
E quando outro penhor tu nos não desses,
Um Araûjo * só bastante fôra
P'ra honra tua, e nossa.

---

* A maior gloria de um mestre é deixar discipulos, que o honrem, e que perpetuem sua memoria. Mr. De-Bret deixou-nos em Manoel de Araûjo Porto-Alegre um digno successor. O talento, e o merito deste joven Pintor Brasileiro o fazem credor dos nossos elogios. Seus quadros brilhão pela gala do colorido, e a frescura admiravel de tintas. Nota-se ahi o desempenho de todas as regras da Perspectiva. Como retratista podemos assegurar que é entre nós o primeiro pela similhansa, pela rigorosa propriedade das carnes,

Um Araûjo só, que ousou primeiro
Mandar da Patria nossa á Eternidade
Os Heroes, que por armas, e por lettras
Derão á Patria esmalte!

Um Araûjo só, á cujas plantas
Hade o Tempo curvar as cãs, e a fronte,
E ante quem o valor perdem de Cresso
Os cofres prenhes d'ouro.

Mas outros deixas monumentos vivos;
Existem os Carvalhos, e os Arrudas,*
Que a muda Natureza em breves quadros
Mimosos representão.

---

e pelo ár de vida, que seus retratos parecem respirar. Foi elle o primeiro, que, sem nenhum interesse, deu-se ao trabalho de retractar os mais distinctos Brasileiros; só por amor da Patria, desejoso de fazer mais conheci-dos os nossos grandes Homens; isto basta para sua eterna gloria.

* José dos Reis Carvalho, e José da Silva Arruda (primos) naturaes do Rio de Janeiro, insignes Pintores de Paisagens, seus quadros teem merecido, nas exposiçoens publicas da Academia das Bellas Artes, a

Oxalá qu'eu tambem sem deshonrar-te
Que teu discip'lo * fui dizer podesse;
Mas ao menos direi, sou teu Amigo,
E basta-me tal gloria.

Se este fraco tributo de amisade
Por aos olhos do Mundo apresentado,
Conheça a gratidão quanto domina
No peito Brazileiro.

---

admiração dos Amadores Nacionaes e Extrangeiros. O primeiro, dotado de genio melancolico, e enclinado á solidão entrega-se todo ao genero de pintura, que apraz o seu coração, e produz quadros, que incantão os olhos do expectador, e despertão em sua alma uma agradavel melancolia. O segundo, de temperamento sanguineo, e de imaginação risonha pinta com summa perfeição flôres, e insectos. Uma borboleta, matizada de mil côres, parece que se move debaixo de seu delicado pinsel; neste genero de pintura elle não conhece rival. Talvez que os nomes destes Genios da nossa Patria se colloquem um dia entre os nomes dos illustres Vernet, Kuyp, Lorrain, Jardin, e Albane. Felizmente elles estão empregados; Carvalho é Professor de Desenho na Academia Militar, e Arruda é Substituto de Paisagem na Academia das Bellas Artes.

* Por algum tempo dediquei-me á Pintura, debaixo da direcção de M. De-Bret; mas o estudo da Medicina, a que me dava então, não me permettia que eu fosse muito assiduo ás liçoens d'aquella Arte.

Soneto.

A' VISTA DOS BELLOS QUADROS DO Sr. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Que magico pinsel, mimo de Apollo,
Com muda locução, com vivas côres,
Faz da Patria passar os Defensoros *
Desde o pólo do Sul do Norte ao pólo ?

Quem tanto esmalta o Brasileiro solo ?
Estes bellos paineis, tão falladores
Mais incantos possuem, que os Amores,
Quando da terna Mãe se erguem do collo.

Raphael do Brazil, eu te saûdo.
Tu serás entre nós das Bellas Artes
Um novo vingador, um forte escudo.

Honra á Patria não dão feroces Martes;
Mas Artistas quaes tu ! Elmano, eis tudo
Por que atrôão do Mundo as quatro partes.

---

* Refere-se á collecção de Retratos dos mais distinctos Brasileiros, que o Sr. Porto-Alegre fez sem nenhum interesse pecuniario.

Epigrammas.

Queixou-se certo usurario
D'uma pontada no peito,
A um Doctor seu amigo,
Galeno d'algum conceito.

Bote bixas (lhe diz este)
Logo se hade achar melhor:
« Nada, nado (diz o avaro)
« De dois males o menor.

« Antes quero estar com dores,
« Do que meus bens exbanjar;
« Quanto mais que sendo eu velho
« Tenho muito a quem deixar.

OUTRO.

Vendo um Doctor seu doente
Quasi em termos de morrer,
Disse afflito: houve mudança
No remedio. ou no comer.

Tal não houve, meu Doctor,
(O doente lhe voltou)
Eu se morro é por que fiz
Tudo quanto me ordenou.

Os Vicios,

Tudo vai á melhor, tudo caminha
A' summa perfeição com passos largos.
Cada idade tem seus descobrimentos,
Tem seus genios, e leis proprias aos usos.
Mas na idade feliz em que vivemos
Genios, descobrimentos não teem conta;
Nem ha lei, que se opponha ao livre arbitrio
De cada qual fazer o que deseja.
Esta idade apurado tem as cousas
As mais abjectas das passadas eras;
Faz gôsto vê-las já co'as novas galas,
E com outra lousã cortezania.
Assim devera ser, com tantas luzes,
Que espalhado se teem por entre o povo;
Estas luzes são tantas, que já cegão.

Quem nunca ouvio fallar no vil despreso
Em que a adulação sempre foi tida?
Quem nos livros de Roma não encontra,
Que existio um Catão, que condemnava
O luxo das mulheres, e dos moços?
Quem nunca ouvio dizer, que o roubo é crime
De morte, ou de galés por toda a vida?
Mas quem tambem não sabe, que á mudança
Tudo sujeito está? e qu'uma idade
Corrige os erros da passada idade?

A baixa adulação, que n'outro tempo
A medo andava pelos regios páteos,
Erma d'honras, sem titulos pomposos,
Hoje ao lado do Rei se mostra ufana,
Com bordados fardoens, vistosas fitas,
E co'o peito cravado de comendas.
Vejão como passeia Dom Falfurrio,
Em douradas berlindas, salpicando
De lama, a quem como eu, a pé passeia!
Bem pouco lhe custou a fidalguia.
Não foi morgado é certo, nem foi premio
D'alguma loteria; mas no Paço,
Alisando os tapetes co'os joelhos
Ganhou em premio dos seus bons serviços.

Vejão aquelle Gilio tão aceito
Da gentalha ruím, como alto prega

Direitos de *igualdade*, e *liberdade*;
Mas elle para si reserva o mando,
E não se julga igual a seus clientes.

Beltrão, que ahi andava cabisbaixo,
Fusco e corrigo como cão leproso,
Sempre por botequins, vadío, e amira
Que alguem para jantar o convidasse,
Já mudou de fadario, dêo no vento,
Escreve ora um jornal, ou só o assigna,
Já tem reputação, já tem partido,
E póde muito bem mudar a sorte
D'esta Patria infeliz. Se acaso o povo
O leme não pozer da náo do Estado
Nas mãos deste tão celebre *Estadista*
Tudo de certo vai por agoa abaixo.
Tem sido já descuido lamentavel
Não dar-se a um patriota por officio
Algum rendoso emprego, com que possa
Pagar ao alfaiate, e ao sapateiro,
Que os miolos lhe quebrão de continuo.

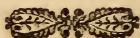
Vejão como ali vai empertigado
Aquelle esbelto moço de luneta,
Bengalinha na mão, aneis nos dedos,
Uma luva calçada, outra pendente;
É o grande Herminão, doctor formado,

Vindo ha pouco d'Europa; sabe tudo,
Falla tão bem françez que até lhe custa
Dizer em portuguez duas palavras;
Vejão só aquelle ar, aquelle porte,
Aquelles movimentos compassados,
Aquelle olhar altivo e sobranceiro,
O geito comque toma uma pitada,
Como puxa com graça o colarinho.
Quem não hade dizer, que é mesmo um sabio,
Um Doctor, que aprendêo co'os Extrangeiros?
Isto sim é, qu'é homem, que merece
Ser nomeado Lente, não quaes esses
Que andão por ahi, sem garbo e atôa,
E que nunca a Pariz, e a Londres fôrão,
Eu com esses não tenho fé nenhuma.

Vejão como milhoens conta Calfurnio.
Como os ganhou? ninguem ainda o sabe,
Com banquetes, com jogos, e com bailes
Gasta sem dó, e sempre tem dinheiro.
Dizem uns, qu'elle tem pacto co'o Demo,
Que sai á meia noite, e que tem arte
De attrahir para suas algibeiras
O ouro, que descança nas gavetas.
Mas nada emfim se sabe com certeza;
Nem a mesma justiça disto cura.

Matuzio sim, se tem pejados cofres
Todos sabem que poupa, que não come
Nem em dias de Páscoa uma galinha.
Nunca deixa o diafano capote,
Que já do pai herdou com mil remendos.
Matuzio não exbanja o seu dinheiro
Em dar dez réis ao pobre; ouve uma Missa,
E com isso se dá por almoçado;
Uma sardinha frita, um copo de agoa,
Que lhe dá por favor o agaodeiro,
Um pãozinho de rala carunchoso,
Qu'elle apanha nas portas das tabernas,
É sua janta, e em cima um Padre Nosso.
Nem mais cêia, que teme ficar pobre!
« Cêia! o' meu Deos, quem póde neste tempo
« Gastar dez réis em cêia? findo um anno
« Vão-se sem mais nem mais doze patacas!
« Nada, não cáio nessa corrióla.

E por que Silvio só, homem sisudo,
Que toda noite lê, não é chamado,
Não tem fama, nem sobras do que ganha?
Porque não quer fazer o qu'estes fazem.
Adule, minta, intregue, illude, ou furte,
Será grande tambem, terá riquezas.

Soneto.

Se um pouco contemplar-mos sabiamente
As leis fundamentaes da Natureza,
Acharemos em tudo tal firmeza,
Que em sua applicação nada desmente.

Nasce, e fallece o misero indigente
Sem nisto differir d'alta nobreza,
E a terra, que os nutrio com grã frauqueza,
Agora os corpos seus some igualmente.

Em seu gremio o pastor ao Rei iguala;
Ahi sem mais facticios pondunores,
A terra a um novo ser os avassalla.

Ao Céo rendamos pois dignos louvores;
Somos todos iguaes; tudo nos falla;
E até em sermos todos peccadores.

ODE

A' Philosophia.

Audaz Philosophia, em vão te afanas
Por arrancar das mãos da Natureza
A chave de diamante,
Que fecha o alçapão inescrutavel,
Onde a Verdade clausurada existe.

Em vão no espasso infindo o vôo librando,
Te arrojas a escalar co'a mente insana
Da Eternidade as portas,
Para do proprio Deos da bocca ouvires
Os futuros destinos dos humanos.

Em vão te cansas em mostrar aos homens
Futeis Systemas, falsas Theorias,
Que o teu orgulho gera,
E que a fria Razão não comprehende.
Onde a Verdade está, que ha tanto buscas?

Genio sublime aos ares me transporta !
Sec'los passados da famosa Grecia,
A meus olhos abri-vos.
Tudo presente está! O' que prodigios
A par de mil fraquezas se levantão!

Na multidão dos átomos perdido
Democrito não vê a Divindade;
Menosprezando o Mundo,
Ri-se dos homens; a virtude, e o vicio
São a seus olhos meros preconceitos.

Co'os suaves acordes d'harmonia
A mente de Pythagoras se arroba,
E no estrellado Empyreo
Dos planetas as orbitas descreve,
E d'Alma do Universo o assento marca.

Tu discip'lo de Socrates divino,
Que avaro de saber deixas-te a Patria,
Tu de certo aprendeste
Uteis liçoens no Egypto; abre teu livro,
E dize-me, o' Platão, o que nós somos.

Vê que o Cynico está de ti zombando;
E para derrubar o teu systema
Lá de Stagira o Sabio
A voz levanta; e no Lycêo publica,
Qu'a alma quanto em si tem, deve aos sentidos.

Mas donde vens, idéia do infinito?
Vens da Razão, ou vens da Natureza?
Acaso mão de artista
Gravar póde no extenso o teu transumpto?
Pyrrho me ensina a duvidar de tudo.

Quão loucos sois, o' homens! quão errados
A Verdade buscais! Ella na essencia
Só das cousas existe
Toda absorvida; e para nós occulta,
Só aos olhos de Deos sem nuves brilha.

Sabio é só quem os gritos suffocando
De violentas paixoens, segue a virtude,
E o coração caleja,
De em segredo soffrer da dôr o embate,
Qual immoto rochedo ao mar, que o affronta.

Como és sublime, o' Zeno! como és grande!
Mas os fracos mortaes não podem tanto.
Espirito divino
Co'as leis dos Anjos roborou teu peito;
Mas dos Anjos a lei não é p'ra os homens.

Qual da Sicilia o monte, que vomita
Ignia materia, que o rodeia, e o inflamma,
Assim minha alma agora
No turbilhão de idéias magestosas
Sotoposta se abrasa, e se aniquila.

É minha alma quem sente, ella é quem pensa,
Ella da dôr, e do prazer é centro;
Mas por que maravilha
Minhas fibras se abalão junctamente?
Que lei divina, ou que magia é está?

O' Leibnitz immortal, tu só podeste
Na vasta mente erguer este suberbo,
Incantado edificio;
Tu só pr'estab'leceste esta harmonia,
Que liga, e rege oppostas naturezas.

Desejo insasiavel da Verdade
Arrasta o homem a immensos desvarios.
O cerador Descartes
Locke combate; e o pio Mallebranche
Cheio de Deos, em Deos só vê, só vive.

Kant, o preclaro Kant, o vôo eguendo,
Deixa no Mundo boquiaberta o vulgo;
E qual astro brilhante
No campo Metaphisico passeia,
Vedado aos olhos mtopes do povo.

Sabio estende os dominios, e as balizas
Do imperio da Razão: vós, o' sentidos,
Sois sempre enganadores;
Só em si a Razão acha *a priori*
Idéias, que não véem da experiencia.

Onde a Verdade está? onde se occulta
Neste largo Oceano de Systemas?
Philosophos! curvai-vos,
Ante o Deos Creador da Natureza,
Só a elle a Verdade está patente.

Soneto.

Que dôr punjente, o' Céo, sinto no peito,
Que até meu coração retalha, e esbrôa!
Um peso enorme a fronte me atordôa,
E contra meu querer me encosto ao leito!

Ah! quem, pobre de mim, me tem sujeito?
Que será, o' meu Deos? Quem me magôa?
Mas que espectro de mim em torno vôa?
A morte... sim é só... lá vejo o aspeito!

Ah! vem, qu'eu firme estou, vem appressada;
Eu não temo morrer, larga teu corte,
E leva minha vida amargurada.

Porem que fazes tu? cruenta morte,
Tu poupas uma vida malfadada?
O' quanto é dura e triste a minha sorte.

ODE SAPHICA

DEDICADA

A M. DE-BRET,

MEMBRO DO INSTITUTO DE FRANÇA, E PROFESSOR DE PINTURA HISTORICA DA ACADEMIA IMPERIAL DAS BELLAS-ARTES, NA EXPOSIÇÃO PUBLICA DE 1830.

Se a Patria assoma da grandeza ao cume
Pelos impulsos de seus caros filhos,
Justiça é destes tributar ao Mestre
Dignos encomios.

Sempre o ingrato no acceitar foi meigo;
Mas eis que perde o protector dos olhos,
Recolhe a prenda, e da lembrança logo
Improbo risca.

Por elle acaso modelar-se deve
Quem da Verdade ser alumno aspira?
Não: que então fora da bifronte raça
Tetrico monstro.

Que homem é este, virtuoso e sabio,
Que a dextra mostra de pinceis armada,
E na palheta, que a sinistra apoia,
Magicas tintas?

Já lá o vejo avassallando o Tempo,
Scenas transpondo das passadas glorias
Aos Netos nossos; que sem elle o Olvido
Tudo engolira.

De-Bret! É elle! e á sua vista a Inveja,
Temendo as luzes, que seu rosto emana,
Suspira, foge, e entre as mãos esconde
Mîopes olhos!

O' como as fauces carrancudas enche
D'atro veneno, que o seu dente verte!
Já lá o espalha; e do vapôr terrivel
Gorgonas surgem.

Silvando os campos, pouco a pouco se erguem
A's regias salas; e a discordia, a intriga
Nellas entorna, e quanto fel o negro
Cócyto géra.

Mas nada o peito de De-Bret abala.
Qual rocha firme aos furaçõens, e raios,
Elle tal zomba dos ardis da Inveja,
Plácido sempre.

Um só cuidado o pensamento enleva,
É, que a Brasilia mocidade o cerca,
E iniciada ser por elle busca
N'arte de Apollo.

Os seus intentos córoar deseja;
E qual cuidadoso agricultor, que as plantas
Limpa, e decota, e da Natura ás forças
Novas augmenta:

E d'anno em anno na estação lucrosa
Dos seus suores apresenta os fructos,
Elle assim mostra dos Brasilios Jovens
Dignos trabalhos.

Epigramma.

Um escriptinho amoroso
Certo estudante mandou
A uma dama, que sempre
Acceita-lo recusou.

Foi mensageiro o criado
D'esta dama tão austera,
Que mostrou se ao recebe-lo
Zangada como uma féra,

Não se amofine (diz elle)
Qu'eu vou a carta engeitar.
« Ah! não, já agora o remedio
» É responder, e folgar.

ODE

Aos Excellentissimos Senhores Deputados da Assembleia Constituinte no regresso do seu injusto exilio.

Triumphou, triumphou a sã verdade!
Eis já roto ante nós, eis já desfeito
O denegrido manto
De opaca treva, que offuscava o brilho,
Que a sublime razão reverberava!
Lá foge o fatal Erro
A' presença da luz, que nos aclara.

Que magico prazer de mim se apossa!
O sangue em borbotoens me assoma ao rosto,
E os olhos me incendia!
No cerebro minha alma se transporta
Nos turbilhoens de fervidas idéias!
O' sancto enthusiasmo!
Quanto me agitas neste nobre ensejo!

Lá diviso um baixel sulcando as ondas
Dos mares, que da Gallia nos separão;
Nas azas dos Favonios
Impavido se ostenta, e se equilibra,
Eis já na barra do Janeiro abica;
E em seu cavado bojo
Illustres Cidadãos conduz á Patria.

O' ditoso Brasil! o' Patria minha!
Desfaz a mágoa, que te enlucta o peito;
Não mais, não mais pranteies;
Enchuga os olhos teus, teu rosto enchuga;
Deos teus ais escutou, e as preces tuas,
E outra vez te outorgá
Os Defensores teus, salvos do exilio.

O' ditoso Brazil! que mais desejas?
Que mais provas de amor do Céo pertendes?
Tua gala recobra,
Que na perda dos Filhos tu perdeste.
Hoje em teu gremio os tens, abre os teus braços,
E com materno enlevo
Filhos tão sabios transportada aperta.

E vós, nobres Varoens, Heróes prestantes,
Que o Fado assoberbais, que ousa affrontar-vos;
E com presença estoica
As iras arrostais do Despotismo;
Vós subireis da Eternidade ao pino,
E a par dos Aristides
Lugar tereis no alcácar da Memoria.

EPIGRAMMA.

Nas margens do negro Styge
D'um Doctor a sombra errava,
Por qu'ao severo Charonte
O tributo não levava.

Este vendo-o, diz lhe: amigo,
« De graça podes passar;
« Pois nos mortos, que m'enviaste,
« Assaz me deste a ganhar.

Soneto.

Não chóro mais de Amor a crueldade,
Com que recompensou minha firmeza;
Nem canto de Marilia a gentileza,
Que prender pôde a minha liberdade.

Pois eu nella encontrei tanta vaidade,
Que se julga o primor da Natureza,
E que tão bella é, que até princeza
Póde ser, ou talvez uma Deidade.

Ora eu que sou plebêo, e plebêo pobre,
Louco fui quando quiz ter por amante
Uma dama gentil, de sangue nobre.

Mas não luctar é ser pouco estudante;
Se lucto póde ser que nada eu cobre;
Pois bem, fique-se em paz, não sou pedante.

A' DESPEDIDA DO SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE.

Entre escarpadas, broncas penedias
Por crassa e densa noite sopresado
O incauto viajante,
Em que perturbação, em que tristeza
Não sentirá seu animo engolphado?
Como ouvindo de longe o crebro canto
D'ave funerea, horror da Natureza,
A' Pallas consagrada,
Como não sentirá a resfriada,
Dura mão da ruím melancolia
Mais e mais apertar-lhe o brando peito?.....
Cada tronco um espectro se lhe antolha;
E na coma sombría
Da morte o medo traça-lhe o aspeito...
Triste situação é certamente...

Mas ha uma esperança,
Que inda lhe aquece a mente.
Lá surge, e se apavona a madrugada
Sobre as serras do Eôo, e brando orvalho,
E rozas, e jasmins sobre elle chove.
Lá surge o fulvo Deos, a quem as nove
Sabias Irmãs por mestre reconhecem;
E mal espalha no Universo o dia,
Ligeiros se dissipão
Os espectros, as sombras, e os phantasmas,
E quantos nadas gera a noite, e cria.
Não é tão infeliz como parece.
Mas, ai de mim, coitado,
Com razão a minha alma se entristece;
Eu sim posso queixar-me do meu Fado,
Que s'um instante cessa de ferir-me,
É só p'ra ter o gosto,
Barbaro gosto, de embeber de novo
Com dobrado rigor o duro ferro
Em meu cançado, denegrido peito.

O' meu caro Araûjo,
O' parte de mim mesmo, o' meu Amigo,
O Fado quer que tu de mim te apartes...
O' grande amor das Artes,
Que te aparta dos olhos o perigo,
Que cerça o movel, Neptunino imperio,

E te aponta co'o dedo a nova Athenas,
Onde os genios encôntrão nutrimento.
O Fado quer emfim que tu me deixes.
Eis o dia lá surge macilento,
Em que deves deixar-me... eis o momento
      Da nossa despedida.
Com dôr, que o coração me aperta, e rála,
Com lagrimas, que o rosto me humedecem,
Eu o vejo chegar... cruel saudade!
Que eu sentido até-qui inda não tinha,
Tu vás ser desde agora a socia minha.

Teu penetrante,
Duro aguilhão
Ao todo o instante
Me está varando
O coração.
O' que tormento,
Que dôr tão forte,
Peior que a morte
Estou soffrendo!
Até o alento
Me vai faltando.

O' meu caro Araûjo, inda um abraço...
Concede inda um abraço ao teu Amigo
Pela ultima vez... aperta... aperta...

Ai! Deixa, que se espalhem
Em teu peito estas lagrimas nascidas
Do triste coração do teu Osmindo.
Tu me deixas Amigo? (ah que doçura
Eu sinto ao proferir tão grato nome)
Tu me deixas, Amigo? sim, mas olha,
E vê no rosto meu a magoa minha.
Já a longa barreira se me antolha,
Que de mim apartar-te vai asinha.
E quem sabe? talvez... talvez p'ra sempre.

Em quanto as brancas véllas
Do ligeiro baixel não se desfraldão;
Em quanto o ferreo dente o cabo aferra,
E no porto inda escora a curva quilha;
Em quanto inda a meu lado
Do Patrio ar respiras,
Pela triste Acadêmia a vista espraia.
Vês-tu estas paredes n'outro tempo
De mimosos paineis todas vestidas,
Como nuas estão, como branquejão?
Vês tu esta palheta ali quebrada,
Este tento caído, e ali dispersos
Pelo chão os pinceis, e as finas tintas?
Pois á Deosa pertencem da pintura,
Que triste, que saudosa,
Chorando d' Acadêmia a desventura,

Soltou as brancas azas,
E este asylo deixou, mal o deixaste.
Vê tu, meu caro Amigo,
Que por tua partida, eu só não chóro;
Uma Deosa commigo
Sentedissimas lagrimas derrama.
Mas tu deves partir! é vinda a hora
De dizermos adeos; o adeos? quem sabe?
Talvez o derradeiro... o adeos eterno.

Vai, Amigo; que chorando
Aqui fico a tua ausencia.
Ah! nunca do Rei dos mares
Sofras tu a inclemencia.

Brandos Zephiros te levem
Ao porto do teu destino.
A Fortuna te acompanhe,
Pois que tu és della dino,

Que se aquella a quem os guardas
Dos Reis não impõem respeito
Nem o orgulho dos Galenos
Que carcão o regio leito:

Se aquella arbitra das vidas
Não cortar da minha o fio,
Té que tu (David Brasilio)
Regresses ao Patrio Rio.

Então este amargo pranto,
Que se derrama em meu rosto ,
Mudar-se-ha em doce nectar
De prazer , de riso , e gosto.

ELEGIA

A' SENTEDISSIMA MORTE

DO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE

Fr. FRANCISCO DE SANCTA THEREZA SAMPAIO.

Saião desta alma triste, e magoada
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao Mundo a causa declarada.
CAMOENS, Elegia XX.

Longe, longe de mim, filha insensata,
Da estremada ignorancia, e da loucura!
Longe... qu'o aspecto teu só me maltrata.

Ah! deixa-me sem ti... outro procura,
Que louco, qual tu és, jámais um dia
Nas leis pensou, que regem a Natura,

Meu Nume só tu és, Melancolia!...
E tanto de mim és Deosa prezada
Quanto do voluptuozo é a Alegria.

Quem póde ter um'ora socegada,
Um'ora de prazer, no curto espasso
Da nossa vida triste e limitada?

Quem póde ver andar com largo passo
Essa furia infernal, a dura Morte,
Que lucta co'a Natura braço a braço?

Do ferro seu jámais se embota o córte;
Ella piza com pé victorioso
Desde o menino até o Rei mais forte.

O sabio, o justo, o rico, o virtuoso
Ella redús a pó tão facilmente
Como o pobre, o ignorante, o vicioso,

O' como está sentada irreverente
Sobre o resto da triste humanidade,
Tendo na mão a fouce reluzente!

Aqui se humilha toda a Antiguidade,
Ao throno seu servindo de escabello,
Ao qual só fim porás, Posteridade.

Mas que vejo... o' meu Deos !... tremo ao dize-lo
Lá se remonta a furia aos leves áres....
Em que irá gravar o fatal sello ?

Ai... que já se redóbrão meus pezares !
Ella vôa... ella vôa ; ella se some...
Não distante de mim , nestes lugares.

Não ha quem seu furor aplaque , e dome ;
Em vão mandão-se aos Céos votos piedosos ;
Em vão de Deos se invoca o Sancto Nome.

Já eu diviso os bronzes sonorosos ,
Que nas torres dos Templos suspendidos ,
Morreo... morreo... Ai dizem nos chorosos.

Quem será , o' meu Deos ?.. em meus ouvidos
Um grave som retumba , horrendo e triste ;
Ah ! só de ouvi-lo , faltão-me os sentidos.

Que escuto... já morreo... já não existe...
Sampaio... o Orador... morreo Sampaio !
E quem a tão cruel golpe resiste ?

Cair vejo a meus pés medonho raio...
  Trovoens horrendos soltão-se nos áres...
  Já não posso suster-me... ah! eu desmaio...

Ind'erão poucos meus crueis pezares?...
  Ai golpes sobre golpes me atassalhão...
  Azares me perseguem sobre azares...

Jámais aos olhos meus lagrimas falhão...
  Em pranto a minha Musa ha pouco esteve,
  Já de novo meus olhos pranto espalhão.

Minha vida é chorar... feliz quem teve
  Em dote um coração de rocha dura,
  Que o mal nem sente, que chorar se deve.

Aquelle, que subio da gloria á altura
  Co'a força da eloquencia, inanimado
  Hoje vai se occultar na sepultura.

Ind'honte' o vi no pulpito elevado,
  Com vóz suave, e tom harmonioso
  D'um Deos cantando o Nome sublimado.

Ind'hontem nos pintou triste e choroso *
A dôr da Beatissima Maria,
Ao ver morto seu filho, e Deos piedoso.

Ind'honte', o' summo Deos! (Assim dizia)
« Eu sou feito de pó, e de vapores;
« Breve me cubrirá a terra fria.

Propheta foi... Já hoje nos horrores
Da negra sepultura em páz descança
O mestre, o Exemplar dos Oradores.

Mas sua alma, voando, o Céo alcança...
O Céo alcança, sim, d'onde viera;
Embora o impio por negar se cança.

Philosopho elle foi... Ah! quem podera
Com grave accento, ao som da triste Lyra
Mostrar á Patria, e ao Mundo o quanto elle era.

Por mais que minha dextra as cordas fira,
Por mais que o peito meu convide ao canto,
Nada posso alcançar... Ai só suspira
Emvolto o Coração em negro manto.

---

* Allude ao Sermão do Enterro por elle pregado pouco tempo antes da sua morte.

Soneto.

AO MESMO OBJECTO.

O' Sagrado Orador, da Patria gloria,
Honra do Claustro, que Francisco rege!
Embora a inveja escurecer deseje
Teu nome escripto na Brasilia historia.

Tu vivo estás no alcáçar da memoria;
Só de Sampaio o nome te protege;
Por tanto a furia seus ardis manege,
Qu'então maior será tua victoria.

Pythagoras talvez razões achasse,
Para provar a idéia que tivera,
S'inda no Mundo por fortuna andasse.

Pois a ouvirte fallar, firme dissera:
(Se bem que no teu corpo mais ganhasse)
Que a tua alma a de Ciçero só era.

HYMNO

A'Noite.

Como a Deosa das sombras socegada
No ár em carro d'ebano passeia,
Da lua coroada,
Que aclara a terra, e Céo, e o mar prateia!.

Como pela extenção do Etherio estende
O manto azul de estrellas guarnecido,
Que dos hombros lhe pende
Um pouco pelo o orvalho humedecido.

Tão belle nunca eu vi, nem tão serena
A Noite succeder ao claro dia!
A sua luz morena
Qual os raios do Sol não incendia,

A' sombra do seu manto um brando vento
Da terra aplaca os rigidos calôres ;
E com seu doce alento
Vivifica os vergeis, e as murchas flôres.

O' Deosa, o' Noite, mais, que o dia, amavel,
De Venus, e de Amor propicia amiga,
E ao sabio favoravel,
Que os naturaes arcanos investiga.

O' Deosa, o' Noite, dos mortaes querida,
Em ti o escravo encontra a paz amada;
E a sua triste vida
Menos por ti se torna affadigada.

Estende, o' Noite, sobre mim teu manto;
Dá-me o somno com teu bafo divino;
Por beneficio tanto,
Recebe em teu louvor este meu hymno.

Soneto.

Crimes não gera Amor, gera Virtudes.

Amor, aura vital da Natureza,
Origem do prazer, doce presente
Tu és, feito aos mortaes por Deos clemente,
Para manifestar sua grandeza.

Tu tens em toda a immensa redondesa
Cultos, quaes os não tem o Omnipotente;
O' como é louco e temerario o ente,
Que de crimes notar-te toma a empresa.

De Deos não póde vir nenhum deffeito;
Vociferem por tanto os genios rudes,
Que não gózão do teu suave affeito.

O'homem, da razão nunca tu mudes;
Esta verdade grava no teu peito:
Crimes não gera Amor, gera Virtudes.

Epigramma.

Um pio religioso
N'uma Quaresma pregava,
E lá do Inferno os tormentos
Com negras côres pintava.

Eis que de repente o Padre
Neste ponto se calou,
De modo que do sermão
De nada mais se lembrou.

Coitado! (diz um taful,
Qu'até ali o attendeo)
Tanto metteu-se no Inferno,
Qu'até por lá se perdeo.

EPICEDIO

Á' infausta morte do eximio Musico Compositor o Padre Mestre

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

Quando ullum invenient parem?
Hor. Lib. I. Od. xxiv.

Que confuso clamor! que tristes vozes,
Nascidas só de peitos magoados,
Os ouvidos me ferem?

Que negras nuvens o Horizonte cobrem?
Que denso fumo os áres escurece?
Céos! que funebre scena!

Lá do Averno sair diviso a Furia,
Que dôr, consternação, pranto semêia
Nos miseros viventes.

Lá vejo reluzir na óssea dextra
O alfange açacalado, que derruba
Os marmores, e bronzes,

Alfange, que ceifou de Orpheo a vida;
Alfange, em que os Homeros, e os Virgilios
Os Estames perdêrão.

Onde, o' Furia voraz, agora o levas?
Com quem pertendes embebe-lo agora?
Quem para ti desejas?

Mas que! Morte cruel, suspende o braço;
Não cortes, ah! não cortes por piedade
Do nosso Orpheo a vida.

Antes me crava o peito; eu to apresento,
Aqui, aqui o tens... ceva-te, o' monstro;
E aplaca a sede tua.

Mas ai, que um negro feretro diviso
Da terra erguer-se, um livido cadaver
Jaz sobre elle estendido.

Uma lyra a seus pés quebrada vejo;
Um louro secco, e mil dispersas folhas
Do livro d'harmonia.

Quem será? eu vou ver... O' dôr! o' magoa!
O' Morte! o' Morte! o' perfida inimiga!
Em fim sempre venceste.

E podeste cortar-lhe a curta vida?
Como não se embotou do teu alfange
O fio nesse ensejo?

Não te pôde abrandar a insana furia
Da lyra sua as vozes sonorosas,
E o pranto dos amigos?

E não te commoveo a geral magoa
Da sociedade inteira, que, escutando-o,
Orpheo ouvir cuidava?

Ai! que agora chorar só cumpre a perda
Do grão Mauricio, Cidadão honrado,
Philosopho cordato.

Nelle a Patria perdeo o maior Vate
De quantos dão-se ao musico exercicio
Com natural talento.

São raros os Rossinis, e Mauricios;
E só o Mundo conta d'era em era
Genios tão transcendentes.

Na lage sepulcral, com lettras d'ouro,
Este triste Epitaphio as Musas gravem,
De gratidão em prova.

« Aqui Mauricio jaz, Musico eximio,
« Nunca a si valor deo, foi virtuoso,
« Honrou a sua Patria.

Soneto.

AO MESMO OBJECTO

Da Morte ao grão poder ninguem resiste;
Té ao sabio se estende a lei austera,
E o primeiro cantor, que o Brasil déra,
O tributo pagou, já não existe.

Morreo, em fim morreo! o Brasil triste
Com lagrimas o rosto seu macéra;
Mas só morreo p'ra nós, pois lá na Esphéra
Onde impera só Deos, Mauricio assiste.

Lá nos córos angelicos vibrando
De nova lyra as cordas d'ouro fino,
Novos hymnos a Deos vai entoando.

O' ditoso mortal! feliz destino!
Estás da Gloria os ares respirando!
Foste humano cantor, hoje és divino;

Soneto.

No gremio do prazer, e d'alegria
Passei outr'ora o tempo venturoso;
Por que de Amor o jugo vergonhoso
Meu terno coração não conhecia

Agora a mais cruel melancolia
De continuo me traz tão pezaroso,
Que chego a desejar de desgostoso
Qu'a minha vida córte a Parca impia

Mas, o' potente Jove soberano,
Já qu'entre os Deoses tens tanta influencia,
Castiga o crime de Cupido insano.

Mostra assim ao cruel tua potencia;
D'uma vez acabando esse tyranno,
Immortal ficará tua clemencia.

NENIA

A' MORTE DE IGNEZ DE CASTRO.

RECITADA NO FIM DA REPRESENTAÇAO DA TRAGEDIA DE J.-B. GOMES, NO THEATRO PARTICULAR DA RUA DOS ARCOS, SENDO A PARTE DE IGNEZ DESEMPENHADA PELO JOVEN DOMINGOS JOSÉ DE OLIVEIRA MELLO.

Inda a feia catastrophe horrorosa
Da miserrima Castro se me antolha!
Inda o frio cadaver estendido,
E tinto no seu sangue ali diviso!
Inda seus ais, seus ultimos suspiros,
Capazes de abrandar duros penedos,
Retumbão nestas lugubres abobodas.

Não, não foi illusão, meus olhos vírão;
Ali, ali morreo a infeliz Castro,
Ali, ella caío estrebuxando.
Em vão Ignez prostrou-se aos pés de Afonso,
Co'as mãos, e os olhos para o Céo erguidos,
Banhado o rosto de amargoso pranto;

Em vão appresentou-lhe os tenros filhos,
Innocentes, angelicos penhores
Do sagrado Hymeneo, que a Pedro a unia:
« Perdoa, o' rei, perdoa á infeliz Castro,
« A' desgraçada esposa de teu filho;
« Elle culpa não tem mais do que amores.
« Ah não sejas, Senhor, para commigo
« Tão duro, não, que á morte me condemnes;
« Não ouças a tyrannos conselheiros;
« Estes, que vês aqui, são ~~vossos~~ netos, os teus
« São os filhos de Pedro, são meus filhos;
« Tem delles piedade, o' Rei invicto,
« Tem delles compaixão.... Caros meninos,
« Ides ficar sem mãe... Chorai, o' filhos!
« Chorai, pedi, rogai ao grande Afonso
« Que desta triste mãe se compadeça.

Os tenrinhos meninos tão mimosos
Aos pés do Rei severo se ajoêlhão,
E, beijando-lhe a mão, em prantos gritão:
« Senhor! Senhor! não mates nossa mãe.
Immovel fica o Rei, e sem sentidos,
Qual dura estatua do insensivel mármor.
Venceste, emfim venceste, o' Natureza!
Afonso perdoou; Ignez 'sta salva;
Já beija as mãos de Afonso, e Pai o chama;
E Afonso já de filha dá lhe o nome.

Onde vás, o' Pacheco? que procuras?
Tu, infame Coelho, que pertendes?
A uma fraca mulher quereis mostrar-vos
Quaes carniceiros, sitibundos loubos?
Que mal fez-vos Ignez? dizei, perversos.
Não ouvem; o furor os alucina.
Com agudos punhaes as mãos armadas,
A victima procurão, buscão, correm
Os cantos do palacio; emfim a encôntrão,
E sem piedade os ferros penetrantes
No peito de alabastro embebem, cravão;
E tirão inda quentes, salpicando
O rubro, espumeo sangue pelas salas.
Tremo de horror, e me arrepio todo!
A triste, a malfadada semiviva
« Balbucia, arquejando: esposo... esposo,
Não pôde dizer mais; caío já fria;
De novo quiz se erguer, caío de novo;
Morreo... já não respira Ignez formosa.
Pedro, o' Pedro, onde estaes? que não acodes
A tua bella Castro? ah vem, ah corre,
Rompe, quebra os grilhoens, que te embaração,
Busca ao menos vingar a sua morte.

As filhas do Mondego se cobrírão
Com ramos de cipreste, e longo tempo
Lamentárão de Ignez o fim infausto.

Sobre o mármor da sua sepultura
As Tagides formosas espargírão
Saudades, e suspiros; ao Hypocrene
A noticia chegou que Ignez morrera;
E as canoras Irmãs, filhas de Jove,
Lhe tecêrão chorosas Elegias;
E largo tempo ressoou nos valles
Esta voz luctuosa: Ignez é morta.

Vós, o' filhas gentis da Patria minha,
Donzellas Brasileiras, vós, que tendes
De Ignez a formosura, o mimo, e as graças,
Que tendes de sua alma os sentimentos,
Temei, temei de ter tambem seu fado.
Vós a vistes morrer desamparada;
Não lhe valeo incantos, nem belleza;
Amor foi só seu crime, outro não teve;
E quando Amor foi crime? Amor, qu'é vida,
Qu' é alma do Universo? Amor, que doma
O sanhudo leão da Lybia selva?
Que do mesmo reptil dirige os silvos?
Que ao terno sabiá cançoens inspira?
Que abrasa o coração da meiga rôla?
Que desce ao fundo már, vence a balleia?
E os proprios vegetaes attrahe, anima?
Amor será um crime entre os humanos?
A falsa, a dura lei que assim o julga

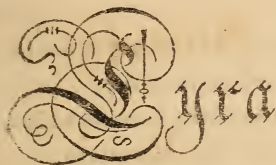
É contraria á razão, e á Natureza.
Não, Amor não é crime, pois se o fôra
A virtuosa Ignez nunca amaria.
Podeis chorar, Donzellas Brasileiras,
Podeis chorar de Ignez a infausta sorte;
Ignez éra innocente. Illustre sombra
Da miserrima Ignez, se a vóz de um Vate
Póde o mármor abrir, onde repousas,
Se póde penetrar ~~vossos~~ ouvidos, os teus
Ergue-te, illustre sombra, qu'eu te evoco;
Em nome das Donzellas Brasileiras
Recebe a Nenia, que ora te consagro.

Soneto.

De amor preocupada a phantasia
Marilia retractar tentei ousado,
E tendo o necessario apparelhado,
Os contornos tracei com galhardia.

Do rosto seu a têz alva e macia,
E dos labios a côr tendo imitado,
Quiz seus olhos pintar, quando pasmado
Senti que o corpo meu todo tremia.

Esforço o meu pincel; e neste ensejo
O panico terror se me redobra,
E ante mim um espectro horrendo vejo:

« Temerario mortal! siso recobra;
« Tu não podes cumprir o teu desejo;
« Deixa que Apollo te conclua a obra.

Eu vi de Marilia bella
O semblante incantador;
Ao ver, com vergonha o digo,
Tremi, e mudei de côr.
        Marilia, attende
        A' minha dôr;
        Pois causa foste
        Do meu amor.

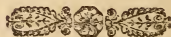
No meu peito sem alento
Meu coração palpitava,
E dentro das minhas veias
O sangue se conjelava.
        Marilia, attende
        A' minha dôr;
        Pois causa foste
        Do meu amor.

De meu corpo exangue e frio
Frio suor demanava;
Meus membros tremião todos,
Eu quasi sem vida estava.
Marilia, attende
A' minha dôr;
Pois causa foste
Do meu amor.

Se fallar, eu pertendia
Os sons não se articulavão;
Esta causa, o pasmo, e a dôr
A' mudez me condemnavão.
Marilia, attende
A' minha dôr;
Pois causa foste
Do meu amor.

Immovel, mudo fiquei
Ao ver aquelle semblante;
Ah! que o tyranno Cupido
Ferio-me n'aquelle instante.
Marilia, attende
A' minha dôr;
Pois causa foste
Do meu amor.

Por Marilia soffro agora
Voraz fogo, pena, e dôr;
É justo, Marilia, é justo
Que me dês premio de amor.
Marilia, attende
A' minha dôr;
Pois causa foste
Do meu amor.

Soneto.

Levado da paixão, que Amor se chama,
Por que de Paphia o filho dá-lhe o nome,
Essa paixão cruel, que nos consome,
Quando em nós o ciume se derrama:

N'um valle me entranhei d'espessa rama,
Valle escuro, onde a luz do Sol se some,
Ahi, a ingratidão, que róe, carcome,
De Marilia chorei, que assaz me inflamma.

Ahi, mil vezes praguejei meu Fado;
Mil vezes desejei morte execravel;
Mas ah! esforços vãos, tempo baldado!

Marilia a meu penar é rocha estavel;
Não commove-lhe a dôr; pois tem jurado
Ser firme em mal fazer, quanto é mudavel.

EPISTOLA.

AO Sr. ANTONIO FELIS MARTINS.

Do leito, em que jazi, ha pouco erguido,
Não sem grande estoicismo, enfermo ainda,
Co'a dextra tremulante a penna empunho
Só para alguns tecer mórbidos versos,
Que visitem por mim o ausente Amigo.
Possão elles achar-te em paz gozando
Do mais puro prazer, que a vida off'rece,
Prazer, qu'eu não possuo, e qu'eu não gozo
Desde quando sem ti tu me deixaste;
Tanto imperas em mim, sancta Amizade.

Notanio, o' meu Notanio, eu vou traçar-te
Em succinto painel os males todos,
Que o peito dilacerão, e atassalhão
O triste coração do teu Osmindo.

Depois que o teu baixel, fendendo as ondas,
Bonançoso levou-te a essas plagas,
Da praia retirei-me, e pensativo
Ao asylo paterno encaminhei-me;
Eis chego, e entro co'a tristeza ao lado.
Nem mais me abandonou; ahi com ella
Vi o Sol esconder-se no Occidente,
E a cupula celeste ennegrecer-se.
Melancolico assim um livro tomo;
Era das noites do immortal Young:
Parece que p'ra mim só fôra escripto!
Não sem lagrimas leio a noite prima;
O' que de malles pesão de continuo
Sobre a fronte do homem, que não pensa!
No meio do seu curso a noite estava,
Quando eu, tendo no livro os olhos fitos,
E a ti na phantasia retractado,
Um espectro diviso envolto em lucto,
D'enrugado semblante, e magro, e feio!
Com tardos passos para mim se chega,
E erguendo a impia mão me toca o peito.
Eis cheio de pavor eu sólto um grito;
Um subito tremor de mim se apossa,
E sem sentidos ter no chão baqueio.
Não mais sôbe de mim por largo espasso.
Quando ergui-me depois deste lethargo,
Tão tremulo me achei, tão macilento

Como o horrido espectro, que avistara.
Nem pude dirigir seguros passos,
Forçoso foi-me ao leito recostar-me;
Mas apenas me vi mais alentado,
Sem futuros prever, abandonei-o;
E sempre, o' meu Notanio, em ti cuidando,
Fazer-te sabedor disto quiz logo.

Se nesses bellos campos, onde existes,
Do teu Osmindo o nome inda tu prezas,
Escreve, Amigo meu, manda teus versos,
Que me venhão trazer noticias tuas.
Não te esqueças, Amigo; cia, concede
Esta graça p'ra mim maior que tudo.

Soneto.

De balde busque Amor fero e tyranno
Forjar novos grilhoens para prender-me;
De balde busque leis p'ra submetter-me
Dictadas pelo seu capricho insano.

De balde mesmo com ardîs, ufano,
Humilhado à seus pés intente ver-me;
Infeliz me fará; porem render-me,
Não mais alcançará d'um peito lhano.

Se outr'ora sobre mim mandou austero,
Se em meu peito já fez mortal ferida,
Com mais jus eu tambem vence-lo espero.

E então a meus pés esse homecida,
Já livre calcarei seu jugo féro:
Tanto póde a razão esclarecida.

EGLOGA.

A' TRISTE NOTICIA, QUE NO ANNO DE 1829 CORREO POR ESTA CIDADE DA MORTE DE SUA EXCELLENCIA REVERENDISSIMA O BISPO CAPELLAÕ-MÓR, SENADOR DO IMPERIO; OFFERECIDA AO SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

INTERLOCUTORES.

OSMINDO, E ELMANO.

*
* *

OSMINDO.

Ora graças ao Céo ! Eis-me comtigo;
Contente em parte estou, mas triste em parte
Por te ver deste modo, caro Amigo.

Já fui ao teu alvergue procurar-te;
Por valles, e por montes tenho andado;
Pensava de não mais hoje encontrar-te.

E o que fazes, Elmano, aqui sentado,
Sem cuidado de ti, na terra fria,
Do teu casal distante, e do teu gado?

Mas que! nada te move? O' que agonia!
Não vês que já da noite o negro manto
Afugenta de nós o claro dia?

Não fallas? mudo estás? dobras o pranto?
Correspondes assim com tal dureza
Ao terno Osmindo, que te estima tanto?

Elmano, meu Elmano! que tristeza,
Que dôr, que mágoa te angustía o peito?
Dize, que ingente mal sobre ti pesa?

ELMANO.

És tu, Osmindo! és tu!... por meu respeito
Te vieste metter nesta espessura?
O' força d'amizade! O' doce affeito!

Inda tenho um Amigo! O' que ventura!
Oxalá que da Parca o duro corte
Não cavasse a meu Pai a sepultura.

A meu Pai... a meu Pai... o' triste sorte
Ai misero de mim! sou desgraçado!
Ah leva-me tambem, o' Morte, o' Morte.

OSMINDO.

Tu deliras pastor? Elmano amado,
Tu perdeste a razão, teu Pai'stá vivo,
E bem por te não ver sobre-saltado.

Teu Pai no te amar é excessivo;
Ora anda, meu Elmano, anda commigo,
Vem dar á sua mágoa lenitivo.

ELMANO.

Outro benigno Pai, meu caro Amigo,
Outro benigno Pai a Morte impía
Deste mundo roubou, levou comsigo.

Eu nelle um Protector, e Amigo via;
Se a vida sua recobrar podesse
De bom grado o qu'é meu tudo daria.

Antes a minha choça em fogo ardesse;
Um raio antes meus campos arrasasse;
Ou todo o meu rebanho perecesse.

A Morte a minha vida antes cortasse;
Mas do meu Protector, do Pai clemente,
Os dias preciosos conservasse.

Agora o qu'hade ser do indigente
Por quem elle se oppunha ao Fado adusto,
Dando o qu'este negára em copia ingente?

OSMINDO.

De quem fallas não sei; mas sei qu'é justo
Tanto a perda chorar do varão nobre,
Quanto os nobres se encôntrão hoje a custo.

Assim, seu nome dize-me, doscobre;
Pois tu bem sabes qu'eu entre os pastores
Amei sempre a quem bens fazia ao pobre.

ELMANO.

Tu não sabes quem é? dizei, o' flôres,
Rios, montes, fallai; a dôr poupai-me,
E vós desta serrania, habitadores.

Quem mais podera ser !.... Céos, confortai-me!
Quem mais senão o Principe da Igreja ?
O' Céos, que o possuis, outra vez dai-me.

OSMINDO.

Tão nobre e justa dôr me causa inveja;
Mas ah! exulta Amigo; ainda vive
Quem o teu coração tanto deseja.

ELMANO.

E verdade será ?... tu proprio o viste ?
O' noticia feliz! Osmindo amado,
Quanto consolo dás á uma alma triste.

OSMINDO.

Acredita-me, Elmano; descançado
Podes de todo estar; pois com certeza
Vive o nosso Pastor, já tão chorado.

Deos, que sobre nós vela com firmeza,
Deos, que deo-nos um Pai tão virtuoso,
Sua vida salvou, deo mais largueza,

ELMANO.

O' sempre para mim dia fastoso!
Existe o meu bom Pai, o meu Amigo!
Vamos graças render ao Poderoso;
Vamos, vamos, Osmindo; eu já te sigo.

CANÇONETA.

Lilia querida.
Sou teu amante,
Viver não posso
De ti distante.

A paz antiga
Já não respiro;
Por ti saudoso
Chóro, e suspiro.

O cruel Fado
Contra mim s'ergue
No monte, e valle,
No meu alvergue.

Se a Musa invoco
P'ra me entreter,
Nega-me a Musa
Este prazer.

Se um livro tomo,
E o vou abrir,
Antes que o abra
Sinto o cair.

Se nas campinas
Busco alegrar-me,
Com a tristeza
Vou encontrar-me.

Se a voz escuto
Do Mocho feio,
Mais me entristeço
De pavor cheio.

Se o Sabiá
A voz concerta,
Tua lembrança
Em mim desperta.

Então se augmenta
A minha dôr,
Por ver-me ausente
Do meu Amor.

Os Céos te tragão
A estes lares,
P'ra desfazeres
Os meus pezares.

Por eu por ver-te
Sempre anhelando,
Noites, e dias
Passo velando.

Se não vens dar-me
O teu soccorro,
Só de saudade,
O' Lilia, eu morro.

Soneto.

Não abrando, mas dobro o meu tormento.
CAM. SONT. 94.

Pôde o terno Dirceo, tangendo a lyra,
A' Marilia tecer altos louvores,
E dest'arte acalmar os seus furores
Ao som dos versos, que a paixão inspira.

Tambem Jacob, por que a Libão servira,
Premio teve em Rachel dos seus Amores;
Sophronimo, primor dos escultores,
Alcançar pôde a divinal Themira.

Só eu o triste sou; por mais que implore
A tyranna não cede a meu contento,
Nem quer que a minha dôr cruel minore.

Tal é o grão pezar, que experimento;
Se busco allivio dar quer ria, ou chore,
Não abrando, mas dobro o meu tormento.

ODE

A' Virtude.

Ergue-te, o' Musa, com vigor dobrado
Da vergonhosa inercia,
Em que tu mesma te lançaste incauta;
Empunha, empunha a lyra, e com teu plectro
Vibrando as aureas cordas,
Ajuda-me a cantar em novo estylo.

Hoje não louves estrondosos feitos
Dos filhos de Mavorte;
Assumpto para ti mais proprio e digno
Os Céos me inspirão, e eu de ti confio;
Os virtuosos canta,
E pelo Mundo espalha seus encomios.

Feliz aquelle, que no peito encerra
O germen da Virtude!
Respeitando a um só Deos, amando os homens,
A vida passará sem ter remorsos;
E sem temer a morte
Livre irá de pavor á sepultura.

Ditosos os mortaes, que auxilio prestão
Aos desvalidos orfãos,
E de arrimo á miserrima pobreza
Clementes servem, mil soccorros dando;
Assim a passo firme,
A' Virtude seguindo, a Deos imitão.

E vós, nobres Varoens, Heroes preclaros,
Que libertaes o Mundo
Da barbara oppressão de vis tyrannos,
Que a sublime razão calcão vaidosos,
E a sancta Liberdade,
Que a maternal Natura aos homens dera.

Vós subireis da Eternidade ao gremió
De louros coroados;
Mil Vates cantarão os vossos feitos,
E a Fama os levará de pólo a pólo;
Venerabundo o Tempo
Não ousará sumir os vossos nomes.

Será tambem lembrado o sabio egregio,
Que a Virtude só preza;
E que busca mostrar ao Mundo todo
Os raios da razão, e da verdade
A pezar das masmorras,
Com que a tyrannia enfreia os fracos.

Do trafico das Cortes vive sempre
Foragida a Virtude;
Manchada pela vil Hypocrisia,
Que em suas vestes candidas se embuça,
Os lares da Innocencia
Busca afflita habitar co'a Paz ao lado.

Assim o lavrador no campo inculto
O seu arado leva;
E da fecunda, sementada terra
Nas ceifas cólhe os sazonados fructos,
Com que a vida alenta,
Sem mais ambicionar pomposos titulos.

Assim contentes os pastores vivem
A' innocencia entregues;
Ora passendo as timidas ovelhas
Nas campinas cobertas de verdura;
Ora tangendo as frautas,
E as rusticas avenas entoando.

No tosco alvergue mais feliz se julga
O camponez honrado
Apar da casta esposa, e dos filhinhos,
Do qu'os grandes senhores, que se innundão
No luxo, e nas riquezas,
E que habitão palacios d'altas grimpas.

O' feliz condição do Virtuoso!
O' sublime Virtude!
Não mais por hoje, o' Musa; o canto adia,
Té quando novamente eu te convide
A tributar louvores
Aos homens numes, que a Virtude adorão.

Mote.

Desprezar do Mundo a gloria,
Não fazer caso da fama,
Até de si esquecer-se,
São effeitos de quem ama.

GLOSA.

Estoica philosophia,
De Zeno parte sublime,
Quem de seguir-vos se exime
Pela razão não se guia.
Vós nos dizeis, qu'a alegria
É no Mundo transitoria;
E que a virtude em memoria
No home' existir só deve,
Com vosco a razão prescreve
Desprezar do Mundo a gloria.

Mas quem existe, que possa
Cumprir os vossos preceitos?
Não, não cabe em nossos peitos
Constancia, que só é vossa:
Pois para desgraça nossa
A vangloria nos inflamma,
Cega-nos com sua chama;
E, pois que vaidade temos,
Jámais por vós poderemos
Não fazer caso da fama.

O' Zeno, Zeno severo,
De constancia inimitavel,
Tu, qual rocha firme e estavel
Te mostraste ao Tempo austero;
Eu tambem seguirte quero,
Quer minha alma á tua erguer-se;
Pois constancia tem de ver-se
Deste corpo despojada,
E, sendo por ti guiada,
Até de si esquecer-se.

E desde já eu te juro
De cumprir o meu projecto,
Sem temer qu'um outro affecto
Me venha fazer perjuro...

Mas quem me chama? Epicuro!
Marilia tambem me chama!
Ai de mim! a voraz flama
D'Amor nas veias me côa!
Perdoa, Zeno, perdoa;
São effeitos de quem ama.

EPIGRAMMA.

Para ver certo doente
Duro Doctor se chamou,
Que logo sem mais exame
Seu prognostico formou.

« Não é nada (diz o sabio)
« Da molestia o livro eu.
Não faltou ao promettido;
Pois o doente morreo.

AS MANGAS DE GIGOT.

OFFERECIDA

AO MEU PREZADISSIMO AMIGO

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Caro Amigo Araújo, ha longo tempo,
Qu'a minha Musa inerte tem jazido,
D'um phantasma, que vio horrorisada;
Mas como habituou-se agora a vê-lo,
O susto pouco a pouco vai perdendo.
E tu que pintor és, qu'és Vate, e tudo,
Não te ha de ser extranho aquelle axioma
De que — *o habito embota o sentimento.* —
Assim, o que causou-me outr'ora o susto,
Por esta lei me causa agora o riso.
Vou contar-te o que vi: attende, Amigo.

Em uma bella noite, em que reinava
Descanço, e paz em toda a Natureza,
E que no campo azul do firmamento
Se via a branca lua entre as estrêllas
A terra branquear com frouxos raios,
Por tão bello espectaculo movido
Ao publico passeio dirigi-me;
Em um banco de pedra ahi sentei-me.
E tu sabes, Amigo, em qu'eu pensava?
Pois eu te digo já; na variedade,
Que tanto nos apraz; e que a Natura
Em suas obras todas nos off'rece.
Por aqui discorria só commigo.
(Disto fallo, por que em tudo quero
Tal e qual succedeo contar-te o facto)
Destas idéias possuido todo,
Volvia os olhos d'uma á outra parte;
Eis qu'ao longe diviso um branco vulto;
Olhei, e reflecti: lembrei-me logo
Das historias, qu'as nossas velhas contão
Das alminhas, que vinhão n'outro tempo
D'outro mundo, expiar os seus peccados
No mundo em qu'habitamos commettidos.
Por acaso será? Céos! eu dizia,
Alguma alma christã, que não cumprisse
Em sua vida a breve penitencia,
Pelo seu confessor imposta em troco

De milhoens de peccados horrorosos?
Mas neste tempo d'outro mundo uma alma!
Neste tempo, em qu'a Fé se deixa aos velhos!
Não posso acreditar; ou eu me engano,
Ou isto é uma fada, ou uma bruxa;
(Pois tidas são por cousas deste mundo)
Mas as fadas, e as bruxas são mulheres,
Segundo eu li nas *Mil e uma noites*;
E o que vejo nem ares dá com ellas:
Antes aos olhos meus se reprezenta
Uma bola com ázas bem abertas;
Logo fada não é. E neste ensejo,
Sem mais considerar, cheio de susto,
Procurei me esconder o mais que pude.
Entre tanto se vinha aproximando
Para perto de mim o tal phantasma.
Umas vozes ouvi; attento puz-me:
« *C'est une belle mode.* — Assim dizia.
O' Céos! bradei então, isto é modista!
E de certo Franceza, pela falla,
Que quer introduzir alguma moda.
Então seguindo-a fui, p'ra vê-la a gosto.
A seu esquerdo lado caminhava
Um Francez, que até-li não tinha eu visto;
Por que vinha encoberto co'a roupagem,
Qu'armava o magro corpo da modista.
Trazia ella um vestido, cujas mangas

Tão largas érão como a propria saia.
(Hyperbole não é, fallo sincero)
De modo qu'as taes mangas bem podião
Dar outros dois vestidos á vontade.
Parecia me ver duas crianças
Co'as cabeças p'ra baixo, e os pés p'ra cima,
Presas aos hombros da figura media;
Mas o que me causava mór espanto
Éra ver a dureza das taes mangas.
Pensei o que seria, e depois soube,
Que por dentro lhes metem barbatanas,
Ou arames, com que lhes dão a forma
De machinas, qu'ao ár subir parecem.
Éra a sua cintura tão delgada
Qu'o seu magro pescoço a não vencia:
Mas éra feita á custa do espartilho,
Com que sem dó se atacão as Senhoras.

Nas nadegas colchoens trazia postos,
Que davão lhe uma forma arredondada.
Em fim, a consistir vem esta moda
Em dar formas, qu'á bolas se assimilhão,
Unidas entre si por pescocinhos.

Agora tu dirás: é impossivel
Que tenha acceitação em nossa Patria
Tão ridicula moda. — Pois te enganas.

Aqui mulher não ha, qu'hoje não use
Das mangas de *gigot* (este é seu nome)
E das taes almofadas nas ilhargas.
Ora quero contar-te em prova disto
Um facto, qu'observei ha pouco tempo.

Vinha certa Senhora (já se sabe
Da moda no rigor actaviada)
Rompendo a multidão do povo juncto
Na porta d'uma Igreja; e como fosse
Tão grande o aperto, e a força, que fizera
Para delle sair, arrebentou-se
Dos postiços colchoens a ligadura;
Estes logo caírão; que vergonha
Para a pobre mulher! ria-se o povo!
« Pario! pario no aperto! (um d'ali brada)
« Nasceo morta a criança! [outro lá grita]
« Vamos ver o que tem por enchimento:
E nisto ás almofadas se arremêssão;
Uns atirão d'aqui, outros lá pegão;
E com estes puxoens rompe-se o pano,
E trapos, e farelo sáem de dentro!
« Milagre! maravilha! cousa rara!
« Deve ir para o Muséo juncto co'a dona.

E o que dizes, Amigo, a esta historia?
São loucas, ou não são as Senhoritas?

Sendo moda Eranceza ha-de aceitar-se,
Ainda que a razão se opponha a isso.

Inda ha pouco se usava manga estreita;
Agora um sacco se usa na largura.
Inda ha pouco os cabellos se cortavão;
Agora crescer deixão, e dão mil formas,
Já de chifres, de cêstas e de vasos.

Esta moda não tarda a ser mudada;
Vejamos a que vem: os Céos permittão
Que não seja peior, como é costume.

Soneto.

Comecei a chorar minha saudade.

Sereno estava o Céo, e n'um momento
Cobrío-se d'atros mantos tenebrosos,
E nos altos penhascos escabrosos
Bramava com rancor o rijo vento.

Irado Jove lá do etherio assento
Raios mandava á terra luminosos,
Que esbroando mil cedros alterosos,
Atroávão no baque o fũndamento.

Mas ah! em quanto assim espavorido
Contemplava o furor da tempestade,
Não me lembrava estar d'Amor ferido.

Porem tanto que foi com v'locidade
Aplacada a tormenta, enternecido
Comecei a chorar minha saudade.

ODE.

Póde o Tempo voraz batendo as azas,
Marmoreos torreoens lançar por terra,
E grimpas colossaes bronzifundidas
De suberbos castellos.

Póde mesmo esbroar reinos inteiros,
Chamando em seu favor da guerra a furia;
Dizei, o' sombras de Carthago, e Troia,
Se mente a minha Musa.

Mas não póde sumir no escuro olvido
Dos inclitos Heroes os altos feitos;
A quem Homero, inchando o ventre á tuba,
Deo postuma existencia.

Não d'outro geito o iracundo Achilles
Os louros alcançou, e as apotéoses;
Sem o Grego cantor jazera inglorio
No silencio do tumulo.

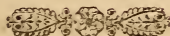
Inda no alcáçar da memoria existe
Do bom Mecenas esculpido o nome;
Por que assumpto foi da eburnea lyra
Do Vate de Venusa.

Ah! se meu estro mais pujante fôra,
Se eu tivesse o poder aos Vates dado
Do velho Tempo arrancaria as azas,
E a fouce açacalada.

E cheio, o' Cambucí, d'um nobre alento
Então em louvor teu vibrara a lyra,
E ás quatro partes do terrestre globo
Teu nome propagara.

Assim fizera ver ao Mundo inteiro
Da minha gratidão a força ingente;
Assim da Eternidade au Templo augusto
Voáras triumphante.

Mas ah! se tal poder os Céos me embargão,
Recebe ao menos os meus versos lhanos,
Pobre feudo d'uma alma agradecida,
Que a mais chegar não póde.

A MORTE DE LINDOYA.

Já do incendio a voragem reduzia
A pó, á cinza os arraiaes dos Luzos,
E os seccos graminaes, e as verdes matas.
Arremessado ás ondas
O intrepido Cacambo, manejando
Os musculosos braços, se afanava
Por ver a Patria, e a suspirada esposa,
E dar ao padre Balda
Tão prospera noticia;
Mas em vez de encontrar esposa, e Patria
No toxico infernal a morte encontra
Por mão sagaz e occulta menistrada.
Mal o bravo Cacambo em laço eterno
A' senhoril Lindoya se ligára,
Quando da Gerra as vozes clangorosas
Os valles repetírão,

E dos braços da esposa o arrancárão.
A saudosa Lindoya, amante terna
De dôr se consumia
Na dura ausencia do Indio valoroso.
Triste, afflita, sózinha se entranhava
Por inóspidas selvas, ermos valles;
E mil vezes ahi o doce nome
Do seu Cacambo a os ares proferia;
E a solitaria Nympha,
A despresada amante de Narciso
Ia de valle em valle repetindo
O nome de Cacambo.
Só de agoureiras aves
Os pungentes gemidos lhe aprazião.
Quando a sombria Tarde desdobrava
A cinzenta alcatifa
Pela celeste, concava safira,
A senhoril Lindoya ia assentar-se
Perto d'uma cascata, que se arroja
D'alto, escarpado, ingreme rochedo.
Em quadra mais ditosa a bella Indiana,
Nos ombros de Cacambo reclinada,
Sohia ali fallar de seus amores.
Ella via com olhos lacrimosos
Entre palmeiras, e copados cedros
Crescer tenra e mimosa essa mangeira,
Que Cacambo plantara.

Para eternal memoria
Do dia, em qu'a tomara por esposa.
« O'arvore querida [assim dezia
A bella Americana]
« Teu verdor me annuncia, que Cacambo
« Inda com vida existe, inda dardeja
« Mortes sobre o inimigo, que pertende
« Roubar a nossa terra, onde descânção
« Dos nossos Pais os óssos.
« Ah! nunca aves sinistras, agoureiras
« Sobre teus ramos pousem;
« Nunca em torno de ti, piando, vôem.
« Cresce, prospera para gloria minha.
Só assim a miserrima Lindoya
As dôres adoçava da saudade;
Assim ella a si mesma se illudia.
Mas a fatal noticia
Chegou a seus ouvidos.
Cacambo é morto; e já Baldeta aspira
Em laços d'Hymeneo unir se á ella.
Cacambo é morto! O'dôr! o' mágoa! o' pranto!
Lindoya estupefacta, delirante
Leva as mãos aos cabellos, e os arranca,
Quebra o colar, e os braceletes d'ouro,
Rasga os vestidos, e no chão se arroja.
De novo espavorida se levanta;
Corre d'um lado a outro, pára, inquire

Que é feito de Cacambo :
« Caro esposo! onde estás?.. Quem mo ha roubado
« Ei-lo, ei-lo que ali jaz estendido !
« Como livido está , exangue e frio !
« Já não respira ! o' Deoses !
« Se alguma piedade em vós existe,
« Meu espirito uni ao de Cacambo.
Nisto crendo enxergar do esposo a sombra,
Quer abraça-la , quer juntar-se á ella ,
Corre precipitada , e ao chão se atira.
Mas a velha ardilosa Tanajura
Na grave dôr a anima , e lhe aconselha
Morte mais prompta para um mal tão grande.
Eis os passos já move, eis já demanda
No fim do bosque cavernosa lapa ,
Onde acabe seus dias.
Entretanto o sonoro som dos bronzes
Chamava ao Templo as indianas tribos ,
Para assistir ao novo desposorio
De Baldeta, e Lindoya.
Já todos se apresentão bem vestidos
Com ricas galas de vistosas pennas;
Qual apresenta ao tiracol pendente
Pejada aljava de aguçadas settas;
Qual faz garbo de andar por entre os outros
Mostrando as gemmas, e as manilhas d'ouro ,
Que os braços lhe guarnecem ;

Qual mostra o largo peito só coberto
Com o colar de dentes dos vencidos
Por sua mão Pujante.
Só Lindoya é quem falta;
Só por ella se espera ha longo tempo.
Mas já cançado Caitutú valente
De esperar pela irmã, se assusta, e teme
Que algum funesto caso acontecesse;
E tres pancadas sente
No coração preságo.
O Templo deixa, e vai por entre os bosques
Buscar a irmã;... O' Céos! como elle a encontra
Sentada está sobre uma fria laje
Co'a cabeça encostada n'um cipreste;
Verde serpente lhe circula o côllo,
E no peito lhe crava agudos dentes;
Já seu veneno côa-lhe nas veias.
O Indio horrorisado
Não póde ver a irmã, recûa, e treme;
Mas attentando na fatal serpente,
Uma setta em seu arco prompto embebe,
E contra ella despara.
A setta vôa, e em sua ponta leva
A' distante lugar a horrivel serpe.
Soccorro inutil!.. Já n'ancia da morte
Lindoya não conhece o irmão, que a chama;
E com tremula voz entrecortada

Do seu Cacambo o nome balbucia:
Assim exhala o ultimo suspiro.
Echo ainda repete estas palavras
No momento da morte proferidas.

Sombra querida
Do esposo amante,
Que a todo o instante
Me estás chamando,
Sem ti não quero
Inútil vida.
Não póde o mando
Da crueldade
Prender a outro
Minha vontade.
Esposo amado,
Eu já te sigo;
Pois só comtigo
Sempre ao teu lado
Me quero ver;
Pois que morreste,
Eu vou morrer.

AS

NOITES

MELANCOLICAS.

Soneto.

AO REVERENDISSIMO SR. PADRE MESTRE

JOÃO SOARES DE LIMA E MOTTA.

Prezado Amigo meu, ouso offertar-te
Versos gerados por um peito afflicto;
Versos, que o coração na dôr sopîto
Aos labios meus mandou sem lei, sem arte.

Possa meu canto rouco hoje agradar-te,
Qual o do Cysne, que de longe imito;
É só esta ambição, só este o fito
De quem provas de amor desaja dar-te.

Quando, alta noite, em ti todo embebido,
Contemplando sozinho a Natureza,
Soar do Mocho a voz em teu ouvido:

Lê meus versos então; e se á tristeza
Uma lagrima deres, e um gemido
Por feliz me darei na minha empresa.

Si, dans la solitude, on n'a autour de soi rien qui lie, qui retienne et qui tourmente, c'est alors qu'on se sent soi même; c'est alors qu'on a une connaissance claire et intime de ce qu'on peut et de ce qu'on est.

ZIMMERMANN.

AS

MELANCOLICAS.

Noite 1ª.

O que é o Homem!

Agora, que de todo o Sol radiante
Nas Occidentaes serras occultou-se;
Agora, que a Natura merencoria
Da roçagante purpura se priva,
E o rosto envolve em luctuoso manto;
Agora em fim qu'um lugubre silencio
Reina em toda a extensão desta floresta,
Poderei, sem temor de ser ouvido,
As desgraças chorar da humana prole?

Sem regras chorarei; que a dôr, e a magóa,
Que me estão comprimindo os seios d'alma,
Falsas leis, futeis regras desconhecem.

Co'as mãos, co'as mangas limparei o pranto,
Que o triste coração me envia aos olhos;
Sem que de Zeno algum discip'lo austero
Aqui venha exprobar minha fraqueza;
E sem que algum mancebo louco e vario,
Ao riso, e ao festim sómente affeito,
Philosopho me chame, pertendendo
Com tal nome cobrir-me de ignominia:
A tanto chega a misera ignorancia!

Amavel solidão! silencio amavel!
Prazeres do Philosopho, e do Vate,
Quantas idéias despertais na mente
Do genio indagador, que vos consulta?
Vos concentrais do corpo, e d'alma a força,
E ás humanas paixões ergueis barreiras;
Vós espantais o crime com remorsos,
Que lhe arrancais do coração cruento;
Vós espargis o balsamo da vida
Sobre o leito da enferma humanidade;
E lenitivo dais ás dôres suas
Co'o doce somno, que trazeis-lhe aos olhos.
O homem virtuoso á sombra vossa
Recorda os bens, que fez durante o dia,

E de haver feito um bem se congratula,
E a si mesmo se louva; eis da virtude
Recompensa a maior; outra não busca
Mais, que o doce prazer de util ter sido.

Amavel solidão! silencio amavel!
Da Noite inseparaveis companheiros,
Vós, que de Hervey o genio acrisolastes,
E n'alma lhe embebestes liçoens serias
De sublime moral; vós, que inspirastes
O genio pensador do sabio Yong,
Vós agora tambem sereis meus socios.
Co'a vossa proteção minha alma fraca
Forças irá ganhando, e descobrindo
As terriveis verdades, qu'eu procuro.

Quem tu és? a que fim vieste ao Mundo?
Em alta voz a terra me pergunta.
O' que é força mostrar aqui meu nada!
É força despojar-me deste orgulho,
Que das salas dos Reis, contagiados
Os loucos cortezãos trazem ao campo.
Eu terra sou, mas terra organisada;
Em mim habita um ser incorruptivel,
Uma potencia, ou força, que me anima;
Alma se chama, e pensa, e delibera.
Eis quanto sei de mim; o mais ignoro;

O que hei-de vir a ser, dizer não posso:
Não é dado aos mortaes prever futuros.

Nascer, morrer milhoens de entes hei visto.
Sei que no tum'lo tudo finalisa.
Elle abrio sua foz, e no seu antro
Passadas gerações se despenhárão.
O tum'lo encerra as inclitas virtudes
Dos Socrates, Aristides, e Senecas;
Assim como contem os torpes crimes
Dos Sillas, dos Caligulas, e Néros.
Ao tum'lo irei tambem... virtude, ou crime
Hei-de a elle levar! O' Reis da terra,
Deixai um pouco o sceptro da Justiça,
Vinde aprender na solidão dos bosques
Liçoens de governar. E vós, tyrannos,
Que vos julgais senhores do Universo,
Dai tregoas por um pouco á humanidade;
Parai um pouco na carreira infame
De crimes, e de mortes; vinde, ah vinde,
Sem esses lisongeiros, que vos cercão,
Conhecer vossa extrema nullidade;
Ah! vinde aqui; agora, que de lucto
A Noite tem do globo a face envolto;
Vereis abrir-se a terra, e levantar-se,
Inda innocente sangue gotejando,
Esses manes, que ao tum'lo vós mandastes.

Com alta voz pedindo alta vingança...
Vingança... echoará de valle em valle.
Vereis em cada tronco do ermo bosque
Um erguido phantasma apercebido
P'ra vos aniquilar; d'um lado, e d'outro
Os manes puxarão vossos vestidos;
Fugir pertendereis; porem debalde,
Debalde fechareis os vossos olhos;
Os vossos corações empedernidos
Serão pelos remorsos lacerados;
E á força de remorsos sereis homens.

O' quadro pavoroso! O' scena horrivel!
O' mil vezes feliz quem a si mesmo
Dirige esta questão a todo o instante:
Quem sou eu? para que vim eu ao Mundo?

Noite 2ª.

A Morte.

Foi-se de todo a luz aborrecida;
Immensa treva a Natureza observe.
Céos! que medonho e funebre gemido
Em meus ouvidos treme! que ave tão feia
Com negros azas estes ares rompe!
Ai!... que frio pavor corre em meus ossos!
Parece que minha alma já cançada
De supportar do barro o peso enorme,
Quer meu corpo deixar... Como ensaiando
Me vou assim a desprezar a vida...
O' Mocho! o' nuncio de crueis azares!
Acaso trazes tu a embaixada
De qu' eu devo deixar em breve o Mundo?
E o que pensas? que dó disto me fica?
Que cuidas? que em pezar me embebes a alma?
Quanto, quanto te enganas se tal pensas,

O Mundo para mim não tem incantos;
Minha existencia já me penalisa.
A Morte ao menos subirá minha alma
Da paz ao gremio, e deixará meu corpo,
Filho da terra, converter-se em terra.

Não é a Morte um mal p'ra o homem justo;
E menos é um mal p'ra o desgraçado.
Quantos agora miseraveis entes,
Innocentes talvez, talvez culpados,
Da vida chorarão, como eu, o peso?
Quantos desejarão, como eu, a Morte?
Parece que ali vejo um miseravel,
Sobre o pesado cepo reclinado,
Qu'elle nos hombros nûs, o' sorte dura!
Cravados de vergoens suster não póde.
O corpo jaz no chão humido e frio;
E os pés, e os braços estendidos, languidos,
Os pesados grilhoens arrastão inda...
O' como para o Céo a custo volta
A face entumecida! O' como a custo
As palpebras desprende, e pela face
As lagrimas em bagas se deslizão!
Seus labios tremem, balbucião, Morte...
Morte! protege um desgraçado humano...
Humano!.. que! e, qual raivoso tigre,
Qual sanhudo leão existe em ferros?

Humano! e assim em vida sepultado,
Respirar póde apenas o corrupto
Ar, que os carceres lava? E porque crime?
E por que crime, o' rigida Justiça!
Privas da sociedade dos humanos
Um pobre humano? O' Deos! será possivel
Que fizesses o home' á tua imagem,
E que no Eden terrestre o colocasses,
P'ra qu' elle fosse desgraçado nelle?
Porque fatalidade a obra prima
Das tuas mãos eternas soffre a sorte
Do baixo verme, que no chão rasteja?

Livres passeião nessas densas matas
Bestas feroces, tigres indomaveis,
Duras prisoens p'ra elles não se forjão;
Sómente o homem, o animal mais nobre
P'ra seu igual escuros antros cava!....
A quanto não está sugeito o homem!
Seu maior inimigo é elle mesmo.

A Morte para todos é ventura.
Nem dôres tem a Morte. O homem justo
Goza com ella o premio da virtude.
Na Morte esbarra a furia dos tyrannos.
Na Morte o peccador barreira encontra
Aos seus nefandos crimes; nella pára·

A torrente fatal de seus delirios.
E o que fôra dos homens, se o cutelo
Da Morte não houvesse devorado
Immensas geraçoens, immensos povos?
Que Mundos bastarião p'ra conte-los?
Que Mundos poderião sustenta-los?

O' Deos eterno! o' Rei! o' Sabio! o' Grande!
Por toda a parte vejo teus prodigios!
Se o justo póde ver-te face a face;
Se póde respirar teu ar celeste,
Depois que abandonar a terrea massa,
Quanto a Morte não é melhor que a vida!
Se o culpado, porem, que errado corre
Na estrada infame pelo crime aberta,
Tão eximio prazer gozar não póde,
O' quanto melhor fôra que espirasse
No instante de nascer o infelice,
Cujo nome nas paginas eternas
A desgraça co'a secca mão gravára.

Noite 3ª.

As Miserias do Genero Humano.

Já do Zenith apressurado desce
O prolifico Sol em carro d'ouro;
Já do terreo planeta a parte nossa
A face volta da Phebéa face;
Apenas froxa luz roxa, azulada,
Flammeja ao longe do Orizonte em torno.
Ah! tudo para a Noite se encaminha.
Mas ei-la que lá vem tristonha e muda
Embuçada em seu manto opáco e negro.
Nuvens, e nuvens pelo ar vagueião
De vapores subtis da terra erguidos.
A Lua nem se quer hoje reflecte
Sobre nós o clarão, que o Sol lhe impresta;

Nem as estrellas lá no ethereo fixas
Ousão apparecer. Já nem diviso
As grimpas das montanhas verdenegras,
Nem dos valles o fundo; e das campinas
O brilhante matiz das varias flôres
Não posso distinguir... tudo está negro,
Confuso, e triste, e merencorio, e horrendo.
Tal como o negro humor, que, de mistura
Com meu sangue, circula em minhas veias;
Humor, que, me não deixa um só momento,
Os prazeres gozar, que os outros gozão;
Humor, que derramando-se em meus orgãos
De mortal palidez me tinge rosto.
Ah! tudo em mim da Noite é copia fida;
Eu todo Noite sou, sou mais ainda.

Agora todos a Morphêo entregues,
Em brandos leitos recuperão forças
Nas diarias fadigas exhauridas.
Ninguem quebranta teu silencio, o' Noite!
Nem do tetrico Mocho o crebro canto
Retumba nestas lugubres florestas;
Nem as serpes sibilão, nem os ventos
Se agitão com suave murmurio.
Tanto reina o socego nestes bosques,
Que até os vegetaes dormir parecem.

Só eu, o' Noite, vigilante existo
Entregue á tua escuridão medonha;
Só eu te prézo, e te prefiro ao Dia.
O Dia por mais bello que elle seja
Nenhum prazer offrece aos olhos tristes
De um mortal, como eu, angustiado.
Ind' hoje mesmo eu vi surgir a Aurora,
E cobrir o Orizonte, e as montanhas
Com seu purpûreo manto roçagante;
Ind' hoje vi os ternos passarinhos
Com seus gorgeios, e requebros doces
Festejarem do Sol o natalicio.
Mas nada disto recrear-me pôde:
Nada pôde abrandar a força ingente
Das crueis sensações, tristes idéias,
Que a mente de continuo me assalteião;
Mas antes lamentava a tua ausencia,
E só por ti, o' Noite, suspirava.
Agora em fim comtigo, aqui me vejo,
Neste asylo das mais bravias féras:
Se bem que aos olhos meus não são mais bravas,
Do que os proprios homens, que se ufanão
Por terem a razão por apanagio;
Por terem inda mais uma alma pura,
Sagrada emanação do Sêr Eterno.
Ah! não me illudo, não; as rudes féras

Não excedem, nem são iguaes aos homens
Nas raivas, nas traições, odios, vinganças.

Acaso não é só entre os humanos
Que se vêem erigir padroens marmóreos,
Columnas bronzeaes, estatuas d'ouro?
E á memoria de quem? (com dôr o digo)
De um despota infernal, de um vil tyrano,
Que cego d'ambição, raivoso corre,
De escravos, e de crimes escoltado,
Por toda a parte reduzindo á cinzas
As Cidades, os Reinos, e os Imperios,
E de mortos a terra apinhoando.
E não contentes de tingir os campos,
E de aos mares mandar rios de sangue,
Aos mesmos que com vida inda restavão,
De pesados grilhoens enchendo os pulsos,
Manda, que marchem de seu carro ao lado,
Para mais comprazer sua vaidade;
E lá p'ra o fundo das crueis masmorras,
Depois de scena tal severo ordena,
Que sejão para sempre aferrolhados.
E entre as féras alguem vio destes crimes?
Ah não, ninguem vio tal; só os humanos
De tão horrendos crimes alardeião!
Mas acaso seus erros são só estes?
O' desgraça fatal! inda outros muitos

Mais vis ainda a sociedade impestão?
Não vemos nós o sordido avarento
Da virtude zombar, rir-se dos pobres?
Não vemos o escriptor sem honra, e pejo
A' verdade faltar, queimando o incenso
Da baixa adulação ao torpe vicio!
Não vemos mais a carcomida inveja
Atro fél vomitar contra a innocencia?
Baralhar a Razão co'as mãos profanas?
E co' a boca espumante, a face inchada,
A discordia soprar entre as familias?
E á tua sombra, o' Noite, quantas vezes
Não vemos esperar um home' a outro
Para os bens lhe roubar, roubando a vida?
E entre as feras alguem vio destes crimes?

O' vós, que da razão fazeis alarde,
Dizei-me quaes são pois vossas virtudes,
Quaes são vossas paixoens, se podeis tanto!
Mas não me exaspereis, em paz deixai-me;
Não digais, que sómente orgulho tendes,
Egoismo, ambição, louca vaidade.

Ai! que já minha dôr sinto agravada!
Ai! que meu coração no peito pula,
E o sangue de tropel me assoma ao rosto!
Já sinto todo em febre o corpo arder-me!...

Já um frio suor me rega os membros...
Que fiz eu? que fiz eu? p'ra que lembrei-me
Dos crimes dos mortaes?.. eu tremo, eu cáio...

O' Noite! o' Noite! companheira minha!
Deixa-me repousar á sombra tua,
Sobre este frio chão, ao somno entregue.

Noite 4ª.

Os Amigos.

Que vasta solidão! que horrivel noite
Que solitario alvergue da tristeza!
Esta parece a habitação da Morte.

Apenas posso distinguir ao longe,
Co'o clarão dos relampagos ligeiros,
Que rásgão de continuo os leves ares,
O escarpado rochedo, do qual róla
Descompassado e estrepitoso o rio.
Nestes troncos se esbarrão, e se enroscão
Os duros ventos com crucis gemidos;

Os ramos dóbrão co'o pesado sopro;
As folhas tremem, roção-se, e sibilão.
O' que trovoens horrisonos estoarão
Sobre minha cabeça? ainda echôa
De valle em valle o som rouco e terrivel.
Dos Céos as cataractas se rompêrão:
Pobre de mim!... não vejo um só asylo,
Onde me abrigue té que a chuva pare.
Todo gelado estou.... os meus vestidos
Ensopados estão... dos meus cabellos
Em bicas a agoa pelos hombros corre...
Feliz, se do meu dia derradeiro
Fosse esta a noite. O' morte! tu que fazes?
Tu, que brandindo a fouce açacalada,
Um terno esposo roubas á consorte;
O Pai ao filho; e o filho á Mãe saudosa;
O Amigo a seu Amigo; o' Morte! o' Morte!
Que fazes! que a mim só poupas a vida?
Eu que esposa não tenho, filho, e Amigos?
Mas ah! que proferi? não tenho Amigos?
E o qu' é Elmano então? e o qu' é Notanio?
E tu, o' Lima? e tu, querido Alexis?
Vós meus Amigos sois, e eu vosso Amigo.

Neste remanso funebre da Morte,
Rodeado de espectros, e sózinho,

Vendo o Céo desfazer-se em chuva, e em raios
Não me esqueço de vós. Se os brandos échos
Que me agora repetem, propagarem
Minhas vozes até vossos ouvidos,
Conhecei quanto em mim póde a Amizade,
Consolo, e lenitivo de meus males.

O' Elmano! o' Notanio! Amigos caros!
Prestante Lima! incantador Alexis!
Mal profiro taes nomes, em meus membros
Já gelados do frio, e amortecidos,
Placido côa o balsamo da vida.
Já nos meus olhos lagrimas borbûlhão;
Lagrimas de prazer, e de saudade;
Já não fusila o ignifero corisco;
Nem do rouco tròvão ouço o estampido:
Aplacada parece a tempestade.
Sancta Amizade, quanto em mim imperas!

Quem ha tão infeliz, que não conheca
O suave prazer do brando affeito,
Que liga os coraçoens ermos de crime?
Quem ha tão infeliz, que nos seus braços
Nunca um Amigo teve? Mas quão poucos

São os Amigos de tal nome dignos?
Quantas vezes as puras, sacras vestes
Da candida Amizade, não rebuça
Um peito refalsado, uma alma abjecta!
Ah que cegos então nós abraçamos
A vibora trahidora, que derrama
Em nossos coraçoens seu fél maligno.

Raio do Céo devêra abrir o infame,
Que ousasse proferir com labio impuro
O nome da Amizade, nome augusto,
Nome sagrado aos Pylades, e Orestes.
O' vós, homens profanos, avarentos,
D'alma baixa, venal, sujeita ao crime,
A quem só move sordida cubiça,
Da celeste affeição vós sois indignos;
Só almas generosas a conhecem,
Almas quaes a de Elmano, e a de Notanio.

A unica paixão digna de encomios
És tu, o' Amizade! o resto é nada.

Mas já meu corpo languido e cansado
Não póde resistir ao frio, e ao somno.

Adeos, o' Noite, adeos. Agora em quanto
Grossa chuva não cái, eu vou, luctando
Co'as trevas, procurar meu pobre alvergue.
Adeos nocturnas aves, que me ouvistes;
Adeos bosques; adeos; talvez p'ra sempre.

ELOGIO

DRAMATICO

EM APPLAUSO DO ANNIVERSARIO DO

MEMORAVEL DIA

SETE DE SETEMBRO.

REPRESENTADO NO THEATO PARTICULAR DA RUA DOS ARCOS.

INTERLOCUTORES.

Brasil.
Liberdade.
Fado.
Coro de Nympheas.

A scena se figura em um Bosque aprazivel; no fundo se verá a Arvore da Independencia.

ELOGIO DRAMATICO.

Scena 1ª.

(O Brasil sentado debaixo da Arvore da Independencia.)

CORO.

O Dia brilhante
De eterna memoria
Para nossa gloria
De novo brilhou.
Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

Inda elle jazia
Nos braços da Aurora,
O imperio de Flora
Logo se alegrou.
Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

Do cume dos montes,
Dos valles ao fundo,
Um prazer profundo
Se manifestou.

Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

O coro volatil,
Os ninhos deixando,
De gosto pulando,
O canto soltou.

Só o Despotismo,
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.

BRASIL.

Sim, de novo brilhou na Etherea plaga
O dia caro a mim, caro a meus filhos.
E a gostosa emoção, que me arrebata,
O suave prazer, que me electriza
Mal me deixão soltar gratos louvores
Ao Céo, que me outorgou tão grato dia.
O' como é lisonjeiro! o' como é doce,
Depois de espessa e tormentosa noite,
Ver surgir a manhã serena e bella
De rozas, e jasmins toucada a fronte!
O' como é lisonjeiro olhar-se em torno,
E ver longe de si morrer os dias,
Dias de escravidão, dias do Inferno!
Como é doce, depois de arduas pelejas,
Depois da confusão das cruas guerras
Da Victoria, e da Paz cantar o dia!
O cheiroso Ananaz, a bella Manga,
Nectarios frutos dos meus ferteis campos,
Tão gratas sensaçoens não nos despertão;
Nem tanto aprazem, nem convidão tanto
O olphato, e o paladar de quem os prova.
E posso eu suffocar neste momento
Expressoens, que o o prazer me arranca d'alma?
Quando vejo avultar, p'ra gloria minha,
Esta Arvore, que a mão da Providencia

No meu solo plantou ha só dois lustros ?
Esta Arvore por Deos abençoada,
Que a mais alta montanha assoberbando,
Quasi que rossa o Céo co'o tope d'ouro ?
Quantas vezes ali, n'aquelle tronco
Esse dragão feroz, o Despotismo,
Os dentes amolou, cravou as patas!
Ah quantas vezes pertendeo raivoso
Esta Arvore assolar, seccar-lhe a rama!
Mas primeiro caío, morreo primeiro;
E esta Arvore existe, e eu respiro livre!
Já um tempo chorei, mas hoje exulto.
Já um tempo curvado sobre os ferros,
Eu mesmo... eu mesmo co'estas mãos abria
A dura terra, e aureo pó tirava,
E pedras preciosas, que érão presas
D'uma madrastra, e d'um Senhor tyrano.
Tantas riquezas!... entre tanto eu pobre
A' face dos Naçoens me appresentava!...
Barbaras pennas meu fraldão tecião,
Formavão meu cocár, sem mais enfeites.
Eu pizava um terreno todo d'ouro,
Em que me collocou a Natureza;
Mas que enorme oppressão sobre estes ombros
Me forçava a curvar! que atmosphera
Tão densa, tão pezada como o ferro
Por toda a parte me girava em torno!

Hoje, graças ao Céo! um ár tão puro,
Qual o bafo vital, que um Deos exhala
Meus campos favonea, e vivifica.
O que herdei da Natura é de meus filhos;
Pertence a elles só os meus thesouros.
Já brilha, já ressumbra nos seus olhos
Do amor da Patria o sacrosancto fogo,
Que abrasa os coraçoens, que escalda o sangue.
Graças á Liberdade, e á Independencia.
Mas que vejo? que pulcra Deosa é esta?
Sim eu te reconheço, o' Liberdade!

Scena 2.ª

BRASIL, E LIBERDADE.

LIBERDADE.

Eu filha do Immortal, que os orbes reje,
Meu berço tenho no celeste alcáçar,
Onde proscripta pelos homens vivo;
E não sem causa destaquei-me á terra

Neste dia, qu'é teu, mimo dos Numes,
Eu filha do Immortal, qual elle, eu prezo
Os homens, em quem eu na idade d'ouro,
Primaveira do Mundo, achei abrigo;
Nesse tempo, em que a candida Verdade
Segura passeava a terra toda;
Feliz tempo, em que a madre Natureza
Não chorava de horror de haver gerado
Caligulas, e Neros; nem gemia
Co'o peso dos fundidos ôcos bronzes,
Copias do Inferno, que vomitão raios.
Entre os homens vivi, fui lhes bem quista.
Mas pouco a pouco os homens se esquecêrão
Qu'erão prole de um Deos, imagens delle.
Eis os homens em monstros convertidos,
Eis o crime na terra alçando a fronte,
Eis punhaes, eis grilhoens, lanças, espadas,
Cadafalsos, fogueiras, guerras, mortes,
Em fim o Mundo em confusão submerso
Ao Inferno disputando o horror de tudo.
Que devêra eu fazer? fugir dos homens
Já degradados da primeira essencia.
Ao Céo me remontei, onde nascêra.
De lá eu vi com dôr, qu'inda me ancía,
Naçoens contra Naçoens, qu'hoje são cinzas;
Vi contra mim conspiraçoens terriveis:
Vi Cabral, vi Colombo mais que affoutos,

Por insolitos mares divagando,
Trazer cordas, grilhoens, trazer os vicios,
E o veneno de Europa, em troco d'ouro,
A's incultas Naçoens Americanas.
Eu vi de Montezuma a Patria em ferros,
E dos Incas a terra profanada
Pelos duros Corteses, e Pizarros.
Mas os homens alfim já me procurarão;
E dos pulsos os ferros sacodindo,
A despeito das iras dos tyrannos,
Novos altares, novos templos me erguem.
É justo soccorrer a quem me invoca.
Mas eu quero, o' Brasil, lugar seguro
Para firmar meu throno; e no teu sólo,
Que o Céo retrata na riqueza, e brilho,
Encontro tudo, que encontrar desejo.
Eis da minha missão exposta a causa.

BRASIL.

O' Deosa bem fazeja, o' Liberdade!
Por quem se torna só prezada a vida,
Que nectar divinal tu hoje entornas
Neste meu coração a ti votado!
Com que gosto ouvirão meus caros filhos
Esta nova tão grata e lisonjeira.
Fica, o' Deosa, em meu sólo; fica, e conta

Em cada coração d'um Brasileiro
Um seguro degráo para teu throno,
E este meu coração conta por baze.

LIBERDADE.

O' ditozo Brasil! p'ra ti, p'ra todos
Este dia sem par será eterno.
Com lettras de esmeralda em folhas d'ouro
Nos Fastos teus lerá com gosto, e pasmo
Do Mundo a geração a mais remota
O Pacto social, que nos fundamos.
Rebente embalde o Despotismo as redeas,
Embalde contra ti arrastre o Inferno,
Livre sempre serás, nada receis.
O' ditozo Brazil, propicio o Fado
Que brilhante porvir não te reserva!

Scena 3ª.

OS MESMOS, E O FADO.

FADO.

O porvir mais brilhante eu te reservo,
Que gravado uma vez no livro Eterno
É lei irrevogavel, não se altera:
Eu mesmo que lavrei, não posso eu mesmo
O decreto apagar por mim sellado.
E quem se atreverá? quem ha, que possa
A' vontade do Fado oppor barreiras?
Se o Senhor do trovão, Senhor do raio,
Jove supremo, qu'entre sós habita
Respeitoso obedece ao meu mandado?
Tão vasto é meu poder como o Universo;
Eu só dou rizo, dou ventura, ou pranto
Sem ser preciso abandonar meu antro,
Para ir noticiar as leis, que dicto.
Mas quando ao Fado apraz vem elle proprio 21

Sua vontade ler aos seus mimosos.
Nem outra causa me arrancou da Estancia,
Para vir te encontrar, Brasil ditoso,
Neste dia, que é teu, que o Fado zela.
Eu venho confirmar a sacra aliança
Que a filha do Immortal comtigo ha feito.
D'ella verás nascer tantas venturas,
Que a inveja tu serás das Naçoens todas;
E todas as Naçoens nas tuas praias
Liçoens virão colher de amor da Patria,
E beijar o terreno sacrosancto,
Onde seu ninho tem a Liberdade.
Tu verás, o' Brasil, de dia em dia
Os teus Filhos nascer com tal nobreza
Que rivaes só terão no sacro Olympo;
Tu verás prosperar a tua industria;
Entre o ouro, que é todo o teu terreno,
Verás surgir os vegetaes mimosos,
Que excitão a cubiça aos Estrangeiros;
As artes e as sciencias de mãos dadas
A tão bello painel darão esmalte.
Verás novos Homeros, novos Pindaros
Inchar co'a voz de ferro a tuba d'ouro,
E a gloria Brasileira decantando,
Dar novo timbre ao Mundo Americano;
Verás a Natureza perlustrada
As chaves entregar dos seus arcanos

Nas mãos dos filhos teus, rivaes dos Deôses.
Eis quanto o Fado ordena, eis quanto quero.

LIBERDADE.

Do Brasil, e de mim apró ordenas,
Tu, potente Senhor da Natureza,
Que em tudo imperas, que decretas tudo.
Nos bronzes immortaes da Eternidade
Seja gravada tua lei suprema
Com lettras indeleveis de diamantes.
Não se arrepende um Deos, não mente o Fado;
O' ditoso Brasil! commigo exulta.

BRASIL.

O' que não cabe d'um mortal no peito
As ondas de prazer, em que me ennundo!
Longo már, que por longo espasso rola
Não pode acantoar-se em breve concha!
Quantos bens neste dia já tão grande
Derramar sobre mim o Céo aprouve!
Exgotada parece a Natureza!
Nem mais eu posso desejar do Fado,

Nem mais o Fado me outorgar podia.
Ah como agradecer tantos favores?
Silencio expressador de gosto, e pasmo,
Milhor que as vozes, que escolhidas phrases
A minha gratidão publique ao Mundo.

FADO.

Não parão nisto só os meus favores,
Nem longe está de ti o teu destino.
Neste dia, o maior entre os teus dias,
Dar-te quero uma prova, leve cópia
Da sorte original, qu' eu te reservo.
Neste mesmo lugar, ante os teus olhos
O Templo vou erguer da Liberdade;
Verás nelle, o' Brasil, o tenro Infante,
Que te ha-de conduzir ao teu destino.
Ei-lo ali......

Rompe-se o pano, e apparece o retrato do Imperador D. PEDRO II, no templo da Liberdade.

BRASIL, E LIBERDADE

O' prazer! o' gloria extrema!

CORO.

O Dia brilhante
De eterna memoria
Para nossa gloria
De novo brilhou.

Só o Despotismo
No Cócyto horrendo,
Os dentes rangendo,
De raiva chorou.
&c. &c.

A QUEDA DO DESPOTISMO,

ELOGIO DRAMATICO

EM APPLAUSO

DO SEMPRE MEMORANDO DIA

SETE DE ABRIL.

REPRESENTADO NO THEATRO PARTICULAR DA RUA DOS ARCOS.

INTERLOCUTORES.

Minerva.
Janeiro.
Patriotismo.
Despotismo.
Furias.
E Côro de Nymphas.

A QUEDA DO DESPOTISMO.

Scena 1ª.

(Vista de ameno bosque; no fundo do Theatro haverá uma montanha, que no fim se abrirá para deixar ver o Templo do Patriotismo.)

JANEIRO, *encostado á montanha*, DESPOTISMO, E FURIAS.

DESPOTISMO.

Eis aqui o pacifico Janeiro;
Eis aqui do Brasil a parte bella,
Onde devo firmar meu throno augusto.
Em um vasto terreno rico e fertil
Só me cabe reinar; com este povo
Burlados não serão os meus projectos.
E se a França espancou-me do seu seio,
Se o meu sceptro quebrou, se poz por terra,
E a seus pés esmagou minha coroa,
Aqui recobrarei quanto hei perdido.

Thronos tenho na Europa, e na Asia os tenho,
Toda Africa se curva ante o meu sceptro,
Quero tambem qu'America se curve
A meus pesados pés, e humilde os beije.
America, disse eu? Como suberba
De me não respeitar ousa ufanar-se!
Pois eu, que leis dictei ao velho Mundo,
Pelo novo serei assim zombado?
Faltão-me acaso necessarias forças?
Ah não! qual sempre fui, hei-de ser sempre.
Numes, que me seguis, a causa é vossa;
Se vós quereis na terra ter altares,
Ha mister que ajudeis os meus projectos.
Minha mente não pára, nem descança
Em quanto eu no Brasil não fôr monarcha;
Em quanto este gigante inda nascente,
Que orgulhoso se mostra ás Naçoens todas,
Eu não vir suspirar agrilhoado.
Numes, que me seguis, valor! coragem!
Seguros, infaliveis são meus planos,
Se quizerdes marchar em meu soccorro.
A ti compete, o' molle Ociosidade,
O povo seduzir, mostrar-lhe o quanto
É bem, sem trabalhar, passar a vida.
Pinta-lhe o como sobre brando leito
Póde á custa do pobre espriguiçar-se.
Tu, dos Grandes amiga, o' Impostura

Apressa-te em mostrar-lhes tuas vestes,
Teus thesouros, e novos tit'los d'honra.
A Inveja, a Estupidez, a Hypocresia,
E quantas furias o Cocyto brota,
Vão todas pelas margens do Janeiro
Pregar o quanto eu posso, e o quanto eu valho.
Eia, socias fieis; eia, corramos,
Qu'hoje mesmo por nossos contaremos
Os Templos, e os altares consagrados
A' Virtude, e a imiga Liberdade.
E tu, o' ancião, fraco Janeiro,
Prepara-te, qu'és tu quem eu elejo,
Para o incenso queimar nas minhas aras.

Scena 2ª.

JANEIRO (*só*).

O' Deos! o qu'escutei? sou eu, que devo
O incenso queimar nas suas aras!....

E a rouco som da voz trovejadora,
Que os labios seus soltárão, não exhalo
De raiva, e de terror o ultimo alento?
Hei-de eu, misero velho, com meus olhos
Ver ovante pizar em meu terreno
O feroz Despotismo? Hei-de calcados
De baixo de seus pés ver os meus filhos,
E o seu sangue tingir as minhas agoas?
Hei-de ver os meus campos devastados?
Os Altares caídos? e os meus sêrros
Cheios d'ouro, e de pedras preciosas
Cavados pelas mãos dos Estrangeiros?
Que! possivel será, o' Deos Eterno,
Que á sombra das palmeiras recostados
Em leitos de jasmins, e de papoulas
Durmão os filhos meus, em quando o monstro
Procura devorar o Pai, que vela?
O' filhos! filhos meus! correi ás armas;
Salvai o vosso Pai, e a honra vossa.
Mas que vejo? quem és tu, que apressado
Procuras me cobrir com teu escudo.

Scena 3ª.

JANEIRO, MINERVA, e o PATRIOTISMO.

PATRIOTISMO.

Eu sou o filho teu Patriotismo,
Que ferido dos ais, que afflito exhalas,
Apressado corri a defender-te.
Eu calado até-qui, e adormecido
Nos bravos coraçoens dos Fluminenses,
Em quanto o Despotismo mascarado
Roto não tinha o véo, que o encobria.
Pela sábia Minerva hoje guiado
Aqui prompto me tens; sim, eu protesto
Por Deos, por ti, e até por mim eu juro
De não mais embaínhar a minha espada
Em quanto a não tingir no sangue adusto
Do indomito, horrendo Despotismo.
Hei-de a cerviz calcar-lhe; hei-de arrancar-lhe
Da garganta feroz as cruas garras
Entre feias carrancas, e bramidos.
Não temas, o' Janeiro, que teus filhos

Cobardes, infieis, trahidores sejão;
Corajem elles teem, mas teem prudencia,
Assim Minerva o quer de sabios peitos.

MINERVA.

Sim, eu, que pela mão guio os teus filhos,
Ensinado lhes tenho a ser prudentes.
Mas a mesma prudencia quer, e manda
Que neste ensejo o Patriotismo se arme,
P'ra rechassar em pugna o Despotismo;
Que em throno de fogueiras levantado
Pertende o Céo rossar co'a coma irsuta.
Mas não succederá com elle intenta:
Burlados hão de ser malvados planos;
Qu'eu pelo Brasil todo me interesso.
Alegra-te, o' Janeiro; não desmaies;
Que victoria terás hoje completa,

JANEIRO.

O' Deosa de immortal sabedoria,
Grato me curvo aos teus altos preceitos,
Este vasto terreno, em que me espraio,
Acceita para ti; nelle colloca
E firma o throno teu, e os teus altares.

Ah não deixes que o fero Despotismo
Assento nelle tome, e me agrilhoe;
Não consintas, o' Deosa, que os meus filhos
Lhe sirvão de degráos para seu throno.

MINERVA.

Socega; eu te prometto qu'hoje mesmo
Verás cair por terra o Despotismo,
E outra vez lá no Averno sepultar-se,
D'onde para flagello dos humanos
Surgio de Furias mil acompanhado.
O caro filho teu Patriotismo
Hoje em campo será, e eu com elle.

PATRIOTISMO

Sim, eu prompto aqui 'stou, todo abrasado
Da mais justa vingança em fogo ardente.
Ferros quer penetrar a minha espada,
Quer carnes retalhar, quer beber sangue.
Eu não descançarei em quanto o monstro
Filho do horrendo Inferno, o Despotismo
Do Brasil não deixar livre o terreno.
Cobre-me, o' Deosa, já com teu escudo;

Encaminha meus passos; qu'hoje quero
O Janeiro salvar, e o Brasil todo.

MINERVA.

Vem, Mancebo gentil, qu'eu te protejo;
A Patria vem salvar, que em ti confia.

Scena 4.ª

JANEIRO (*só*).

Graças, graças te dou, o' Céo benigno!
Em vão não foi que a ti mandei meus rogos;
Tu quizeste me ouvir, e soccorrer-me.
Pelo Patriotismo, e por Minerva
Eu recebo de ti mil benificios,

Scena 5ª.

JANEIRO, DESPOTISMO, E FURIAS.

DESPOTISMO.

É chegado o momento da victoria:
Nada ha que recear; tudo está prompto.
Eis prostrado a meus pés, eis já por terra
Quem outr'ora orgulhoso alçava a fronte!
Aquellas mãos, que as ondas enrolava
Com brilhantes, rubins, ou ouro, e a prata
Em pesados grilhoens se verão presas.
Aqui hei-de fundar o meu emporio,
E d'aqui mandarei á toda a parte
Os mensajeiros meus, e os meus ministros,
E America suberba estupefacta.
Já sem mais pondunor, sem mais audacia
Alfim conhecerá meu poderio.
O' Numes, que fazeis! como apressados

Não cais sobre o misero Janeiro?
Vendai os olhos seus, ligai-lhe os pulsos *

JANEIRO.

Soccorro! o' filhos meus! Patriotismo!
Vem de pressa salvar teu Pai, que expira.

Scena 6ª.

OS MESMOS, MINERVA, E PATRIOTISMO.

PATRIOTISMO.

(*Entra com a espada em punho, e corre sobre o Despotismo.*

Não; tu não morrerás; mas tu, sim, morre;
E d'uma vez se acabe o Despotismo.

* As Furias lanção-se sobre o Janeiro para o agrilhoar, mas apenas aparece o Patriotismo se arredão tremendo de susto.

DESPOTISMO

Inferno! Inferno! esconde-me em teu antro.
(O Despotismo, e as Furias arrojão-se no Inferno.)

Scena 7ª.

MINERVA, PATRIOTISMO, E JANEIRO.

PATRIOTISMO.

Emfim, já se arrojou no negro Inferno
Quem ferros preparava á Patria minha.

(Rompe-se o panno do fundo, e aparece o Templo da Liberdade, e nelle o retrato do Joven Imperador; saiem as Nymphas do Janeiro, que formão o coro.

MINERVA.

Ergue a fronte, o' Janeiro; abre teus olhos,
Eis ali o teu Anjo, eis o teu Filho.
Doutrinada por ti sua alma tenra

Por maxima terá qu'é obra tua;
E jámais ousará com mão trahidora
No peito, que o nutrio, cravar o ferro.
Sim, exulta, o' Janeiro, qu' és já livre!
Saboreia da Paz agora os fructos;
Celebra tua insólita victoria,
E mil hymnos entôa á Liberdade.

(O Coro canta o Hymno Nacional.)

FIM.

INDEX.

ODES.

SONETOS.

CANTATAS.

SATYRAS.

EPISTOLAS.

ELEGIA.

EPICEDIO.

NENIA.

IDYLLIO.

ECLOGA.

EPIGRAMMAS

LYRAS, CANÇONETAS E HYMNOS.

MOTES.

AS NOITES MELANCOLICAS.

ERRATAS.

A pesar do cuidado, e attenção, que empregámos na revisão das provas, para que limpa de erros typographicos saisse esta obra, não nos foi possivel obte-la mais correcta. Apontamos aqui os mais notaveis.

Pagina.	Linha.	*Erros.*	*Emendas.*
2	3 da Nota	*rore*	*rare*
8	7	Paroná	Paraná
8	14	De Yyapok	Do Oyapok
32	12	Cezar	Cesar
54	17	moxo	Mocho
59	8	empoem	impoem
61	11	selva	relva
62	12	enfentava	enfeitava
63	14	mas	mais
70	6	quase	quasi
76	1 da Nota	Pintaro	Pindaro
93	6	sodre	sobre
95	21	Po	Por

111	3 da Nota	retractar	retratar
112	6	Por	For
115	12	lousã	louçã
117	8	vento	vinto
124	3	cerador	creàdor
139	21	ca[illegible]cão	cercão
147	8	pelo o orvalho	pelo orvalho
152	5	com quem	Em quem